

# ENSAIO

SOBRE O

## Dr. Alexandre R. Ferreira

*Momento em relação ás suas viagens na Amazonia  
e sua importância como naturalista*

PELO

DR. EMILIO A. GOELDI

DIRECTOR DO MUSEU PARAENSE DE HISTORIA NATURAL  
E ETHNOGRAPHIA



PARÁ — BRAZIL.

Editores — ALFREDO SILVA & C.<sup>o</sup> — Editores

*Travessa de S. Mathens, 46 B.*

MDCCCXCV



Alexandre R. Ferreira

(ENSAIO)

*Imprimiram-se d'este livro 20 exemplares em papel Whatman  
todos numerados e assignados pelos editores.*



E

# ENSAIO

SOBRE O

## Dr. Alexandre R. Ferreira

*Mormente em relação ás suas viagens na Amazonia  
e sua importancia como naturalista*

PELO

DR. EMILIO A. GOELDI

DIRECTOR DO MUSEU PARAENSE DE HISTORIA NATURAL  
E ETHNOGRAPHIA



PARÁ—BRAZIL

Editores — ALFREDO SILVA & C.<sup>a</sup> — Editores

*Travessa de S. Mathens, 46 B*

MDCCCXCV

PARÁ — BRAZIL

TYP. E PAPELARIA DE ALFREDO SILVA & C.<sup>ª</sup>  
*Travessa de S. Matheus, 46 B*

MDCCCXCV



929 (81) FER  
60E

BIBLIOTECA SENADO FEDERAL

Este volume acha-se registrado  
sob o número .....  
do ano de .....



## Introducção

---

**V**IBRA a minha penna agitadissima de-  
baixo das multiplas impressões, que  
me inspira este assumpto, por assim dizer,  
desde o primeiro dia em que pizei terras bra-  
zileiras e em que principiei a verificar de mais  
perto onde os meus antecessores tinham dei-  
xado a obra scientifica relativa ao Brazil. Por  
nacionalidade, educação scientifica, social e po-  
litica, propria indole, temperamento e convicção  
profundamente avesso ao espirito do tempo e  
das rodas, em que o nosso protogonista vivia,  
emfim como partidario e discipulo da eschola

moderna, certamente não será por *sympathia* para com a sociedade enferrujada da côrte de D. João VI, que eu volto a occupar-me de Alexandre Rodrigues Ferreira. É o espirito de corporação, que me impelle a este trabalho, a profunda compaixão a um collega, cujos merecimentos não foram devidamente apreciados nem pelos contemporaneos, nem pela posteridade. Já passa de um seculo, que o assiduo explorador e viajante voltou, das suas penosas peregrinações nas regiões equatoriaes da America, para Lisboa, onde o esperava a magra recompensa de um «habito de Christo», acompanhada de uma carta de graças da rainha D. Maria I e um futuro desastroso e cheio de decepções em consequencia da constellação politica, em que se via a braços a sua patria dilacerada e ensanguentada pelas invasões successivas dos exercitos francezes, hespanhoes e inglezes. A occasião, portanto, é propria e sinto que é um meu dever de epigono contribuir com alguma cousa para salvar a memoria d'este meu antecessor na exploração da Amazonia, mediante um esboço biographico, do qual ahi vão os pri-



meiros contornos preliminares, quaes me é possível lançal-os hoje com o deficiente material litterario que actualmente tenho á disposição. Sinto que é preciso fazel-o agora, pois não ha exaggeração em suppor, que poderia passar o segundo seculo antes que alguem se lembrasse de semelhante tarefa e vejo que é tempo de agir, para que da materia não se apodere de todo o « Lethe do esquecimento ».







## CAPITULO I

### Algumas noticias sobre a vida de Alexandre R. Ferreira

**N**ASCEU na cidade da Bahia, capitania do Brazil do mesmo nome aos 27 de Abril de 1756. «Desde os mais tenros annos—diz o Sr. Manoel José Maria da Costa, no seu *Elogio*—deu o nosso compatriota claros e palpaveis indicios de não vulgar talento. Seu pae Manoel Rodrigues Ferreira o destinava á vida ecclesiastica e em 20 de Setembro de 1768 tomou ordens menores. Desejoso, porém, de receber toda a instrucção conveniente para o melhor desempenho das importantes funcções do sacerdocio, deixou a parte do mundo em que nasceu, dirigindo-se a Lisboa, onde aportou no mez de Julho de 1770 e d'ahi a Coimbra, onde se matriculou no primeiro anno do Curso Juridico em dias de Outubro.

Os estudos do illustre bahiano foram interrompidos pela reforma da Universidade, que teve lu-

gar no anno seguinte; e como que arrebatado por uma especie de necessidade de espirito, que diariamente se desenvolvia com mais força, e o impellia para o estudo da natureza, largando a vereda, cujo trilho encetára, seguiu a Faculdade de Philosophia com tão prospero successo, que dous annos antes de concluir o curso já exercia (gratuitamente) o cargo de Demonstrador de Historia Natural na Universidade e no ultimo anno foi coroado com o laurel do premio academico. Uma cadeira na Faculdade de Philosophia lhe estava destinada, mas ao descanso proprio do magisterio foi preferido outra commissão preñhe de trabalhos, eriçada de difficuldades, mas em que o sabio naturalista podia prestar serviços mais relevantes ao Estado, á Sciencia e ao seu paiz natal.

O Ministro e Secretario d'Estado, Martinho de Mello e Castro, persuadido da necessidade que tinha o Governo de conhecer as riquezas naturaes ainda em grande parte escondidas no solo do Brazil, ordenou ao Dr. Domingos Vandelli que lhe propuzesse um individuo, que aos precisos conhecimentos juntasse as outras qualidades necessarias para empregar uma viagem philosophica e d'ella colher taes resultados, que preenchessem cabalmente as intenções do Governo.

O Dr. Vandelli, primeiro Cathedratico da Faculdade de Philosophia, não hesitou: a Congregação igualmente não hesitou: e o Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira foi proposto. Aceitou elle a commissão e partio para Lisboa aos 15 de Julho de 1778. Circumstancias ignoradas fizeram com que o

Dr. Ferreira se demorasse em Portugal 5 annos antes de partir para o Brazil a exercer a sua honrosa commissão. Mas estes 5 annos foram utilmente aproveitados, ora no exame da mina de carvão de pedra de Buarcos, exame feito com o naturalista João da Silva Feijó, ora na redacção e descripção dos productos naturaes do Real Muzeu d'Ajuda, já nas experiencias chimicas e physicas, designadas pelo Ministro Martinho de Mello e Castro, já na publicação de escriptos importantes á sciencia e na composição de outros, que hoje se lamentam perdidos <sup>1</sup>. Em face de taes testemunhos de capacidade e interesse no progresso dos conhecimentos humanos, a Academia das Sciencias de Lisboa nomeou o Dr. Ferreira seu correspondente aos 22 de Maio de 1780, honra a que elle retribuiu, lendo na Academia diversas memorias de sua mão. »

Só em 1783 poudo o Dr. Alexandre R. Ferreira entrar em viagem <sup>2</sup>. Partio de Lisboa ás 6 <sup>1</sup>/<sub>2</sub> horas da manhã do dia 1.º de Setembro na charrua *Aguia e Coração de Jesus*. Tinha como

<sup>1</sup> Voltando temporariamente para Coimbra, tomou o gráo de Doutor em 10 de Janeiro de 1779 « que na conformidade da Mercê de S. M. lhe foi dado *gratis*. »

<sup>2</sup> No mesmo anno o Governo Portuguez mandou uma outra expedição para a Africa, com identicos fins. Esta devia, debaixo da direcção do naturalista Manoel Galvão da Silva, explorar Moçambique. Silva, tinha como desenhador certo Antonio Gomes e como preparador certo José da Costa. Como fructo d'esta expedição appareceu a « Memoria ou Relação das viagens philosophicas que por ordem de S. M. fez nas terras da jurisdicção da villa de Tete e algumas das Maravés no anno de 1788. »

A Angola foi mandado o italiano Angelo Donati e ás ilhas do

companheiros de viagem dous personagens illustres, e importantes, com os quaes conservou relações de amizade por toda a vida e que lhe foram evidentemente muito uteis no desempenho da commissão pela influencia de que dispunham, uma nos circulos officiaes e civis, outra nos circulos ecclesiasticos. Foram o Governador e Capitão-General do Estado Martinho de Souza e Albuquerque e D. F. Caetano Brandão, Bispo do mesmo Estado e depois Arcebispo de Braga. Como auxiliares foram ligados á Alexandre R. Ferreira os dous desenhadores José Joaquim Freire e Joaquim José Codina e o jardineiro-botanico Agostinho Joaquim do Cabo, sendo este ultimo encarregado tambem das funcções de preparador. A embarcação deu fundo no Pará ás 6  $\frac{1}{2}$  horas da tarde do dia 21 de Outubro de 1783.

Deu começo aos seus trabalhos de investigação pela ilha de Marajó, então ainda mais conhecida pelo da de Joannes. Sabemos que com estudos sobre Marajó, sobre Santa Maria de Belem e as vizinhanças da capital do Gram-Pará, occupou-se quasi o primeiro anno inteiro. Visitou as villas de Cameté, Baião, Pedreneiras e Alcobaça e acompanhou o Governador e Capitão-General do Estado n'uma excursão para algumas das povoações do sertão (Roteiro de João Vasco Manoel de

---

Cabo Verde e partes visinhas do continente africano o naturalista acima mencionado, João da Silva Feijó.

(Conf. *Historia de Portugal nos seculos XVIII e XIX*, Lisboa, vol. I, pag. 126).

Braun.) Estendeu então as suas explorações ás partes superiores do Rio Amazonas, partindo no dia 20 de Setembro de 1784. Na noite antecedente (19 de Setembro) despediu-se do Governo Martinho de Souza e Albuquerque, pronunciando n'esta occasião um discurso, que eu vejo figurar no inventario litterario como documento entregue a Brotero em 1815 e que talvez ainda hoje exista em Portugal <sup>1</sup>.

Levou comsigo uma portaria, que devia-lhe facilitar muitissimo a expedição pela insistencia e a energia dos termos, com os quaes o Governador da Capitania do Pará transmite e recommenda o emissario do Ministerio Portuguez ás autoridades do Amazonas superior, que formava então a Capitania do Rio Negro, com séde em Barcellos. Eis o theor:

« O Doutor Alexandre Rodrigues Ferreira parte d'esta cidade com as pessoas que leva a seu cargo, empregadas nas diligencias da Historia Philosophica e Natural, para cujo fim se transportarão a este Estado, de ordem de Sua Magestade; os directores e commandantes de todas as fortalezas e povoações, por onde transitar, ou aonde mandar, lhe prestarão todo o auxilio e ajuda, que pelo sobredito lhe fôr requerido, apromptando-lhe todo o mantimento, que precisar, e indios necessarios para

<sup>1</sup> Noticia dos escriptos do Dr. A. R. Ferreira. R. de S. da S. Pontes—«Revista Trimensal do Instituto Historico», do Rio de Janeiro—Tom. II (1840), pag. 507.

as equipações das canóas do seu transporte; praticando o mesmo todos os officiaes auxiliares, juizes ordinarios, camaras, auxiliando-o com a gente que requerer, e com as noticias e informações que pedir, deixando penetrar todos os rios, serras, matos, e abrir minas, aonde o julgar preciso, em ordem ao bom fim das diligencias, de que vai encarregado por ordem de Sua Magestade, ficando-me seriamente responsaveis os que faltarem em todo, ou em parte á execução d'esta minha ordem, e contra elles procederei ao merecido castigo. E para que haja de constar a todo o tempo, mando que esta seja registrada nos livros dos registros das camaras, commandantes e directorias, por onde passar e necessario lhe for usar d'esta minha ordem. —Pará, 15 de Setembro de 1784—(Com a rubrica de S. Excellencia)».

Conhecemos igualmente o officio contendo as instrucções especiaes, que o Dr. A. R. Ferreira recebeu em referencia a esta expedição. Acha-se impresso, no mesmo lugar onde appareceu tambem a portaria acima mencionada <sup>1</sup>, mas deixamos de reproduzir-o aqui ainda uma vez.

Não pude descobrir aqui no Pará, o Diario de viagem ou outros documentos, que orientam sobre o trajecto do Pará até Barcellos e o espaço de tempo, em que este se deve ter effectuado, isto é do dia 20 de Setembro de 1784 até 2 de Março

<sup>1</sup> «Revista Trimensal do Instituto Historico», do Rio de Janeiro—Tom 48 (1885), pags. 1-3.



de 1785—data em que entrou na capital da Capitania do Rio Negro. No inventario litterario, vem porém, citado o discurso, que elle pronunciou na tarde d'aquelle dia, perante o Sr. João Pereira Caldas, «quando entrou a visital-o na Villa de Barcellos». O mesmo alto funcionario tornou-se evidentemente um amigo sincero e protector poderoso do naturalista e da sua commissão, pois os numerosos officios e cartas semi-officiaes e particulares que A. R. Ferreira lhe dirigiu e que eu pude consultar, respiram sem excepção, maxima consideração e respeito e profunda gratidão. Do outro lado a correspondencia emanada do Sr. João Pereira Caldas<sup>1</sup>—que estava a braços com dolorosa molestia—tinha não só muita benevolencia e amizade para com o indefesso e zeloso philosopho, como verdadeiro interesse e não vulgar intelligencia. Pertence ao melhor que eu tenho lido no terreno da administração portugueza; agrada pelo estylo conciso e substancial e deixa perceber, que Ferreira devia se dar por muito feliz de ter um superior dotado de tão excellentes qualidades.

As instrucções para a primeira expedição n'aquella Capitania são datadas «Barcellos, 13 de Agosto de 1785». Entrando em viagem no dia 20 de Agosto de 1785, consumiu A. R. Ferreira 4  $\frac{1}{2}$  mezes com a visita á parte superior do Rio Ne-

<sup>1</sup> «Do Conselho de S. M. F., seu Governador e Capitão General nomeado para as Capitanias de Matto-Grosso e Cuyabá, e nos Districtos dos Governos d'ellas. Encarregado da execução do tratado preliminar de limites e demarcação dos Reaes dominios, etc., etc.»

gro e seus affluentes, achando-se de volta em Barcellos ao que parece, nas vespéras do Anno Bom de 1786.

Tratou então de elaborar e coordenar os materiaes colligidos, redigir memorias, memorandos e relatorios, de encaixotar productos animaes e vegetaes e pouco a pouco vemos elle preparando-se para uma segunda viagem, tendo por objecto especial a exploração do curso inferior do Rio Negro, do Rio Branco e affluentes. As novas instrucções são datadas «Barcellos, 15 de Abril de 1786» e do mesmo dia é datado um Aviso do Governador ao Commandante da Fortaleza da Barra do Rio Negro, recommendando de auxiliar de todos os modos as pesquisas do commissionado<sup>1</sup>. Partio de Barcellos no dia 23 de Abril de 1786. Em 1.º de Maio do mesmo anno, o vemos ainda na dita fortaleza e de lá em diante perdemos o fio do itinerario, visto que os documentos impressos á nossa disposição não adiantam mais com a desejada precisão sobre as viagens ulteriores — e quanto aos manuscriptos da propria mão do autor, creio que ninguem se deu até hoje ao trabalho de reconstruir d'elles o Diario dia por dia e mez por mez. O seu panegyrista de 1818 contenta-se em dizer: «Longo seria acompanhar passo a passo o nosso Philosopho em toda a sua viagem. O sertão do Pará e Rio Negro, o Rio Branco, o Madeira, o Guaporé, a Serra do Cuannurú, Matto-Grosso,

<sup>1</sup> «Revista Trimensal do Instituto» do Rio de Janeiro — Tom. 49 (1886), pag. 123 e seguintes.

Cuyabá, nada se evadió ás indagações do Dr. Ferreira: nem aquelle espirito infatigavel se contentava com estudar os productos da natureza: tambem lançou mão da penna para defender os direitos da Corôa Portugueza e territorio invadido pelos Hespanhoes, para descrever as enfermidades proprias de Matto-Grosso e para historiar a nascente civilização dos Múras. Nove annos gastou de sua existencia em tantos e tão importantes trabalhos».

Não dispondo do Diario das viagens realisadas, de 1786 em diante, no Rio Madeira (1788—1789), no Solimões, na Capitania de Matto-Grosso e não encontrando nas listas dos manuscriptos deixados, mais nenhum titulo acompanhado da data exacta, senão o da «Viagem á Gruta das Onças (1790)»<sup>1</sup>, tenho que abstrahir forçosamente de informações sufficientemente completas para orientar detalhadamente sobre o periodo até o regresso ao Pará.

O que sabemos, entretanto, por fragmentos esparsos e noticias colhidas aqui e acolá, é que deixando a Villa de Barcellos em 27 de Agosto de 1788, deu começo aquella grande e extensa viagem, descendo o Rio Negro, entrando no Amazonas e subindo o Rio Madeira a entrar no Mamoré, donde navegando ao Guaporé ou Ytenes, chegou enfim, á Capitania de Matto-Grosso, trazendo mais de treze mezes de viagem.

<sup>1</sup> «Perto do arraial das Lavrinhas, por baixo da grande Serra dos Parecís».

Parecia que A. R. Ferreira, ainda enfraquecido pelas febres, soffreu muito n'esta viagem e estava em serio perigo de vida.

Apezar de atacado de sezões, informou as autoridades de Matto-Grosso, com a sua costumada pontualidade acerca da exploração realisada, sobre minas de ouro e varios assumptos. Dirigio-se então á Villa do Cuyabá aos 27 de Junho de 1790. Restabelecido de grave doença, desceu pelo rio Cuyabá ao de S. Lorenzo e Paraguay, visitou o Presidio de Nova Coimbra e os Indios Guaycurús e voltou, depois de perto de um anno, para Matto-Grosso e d'ahi para o Pará.

Este regresso deve ter sido em principios de 1792. O panegyrista reata aqui o fio com as seguintes palavras: «De volta ao Pará não estive ocioso os nove mezes que ahi se demorou. Foi nomeado pelo Governador para servir de Vogal nas Juntas de Fazenda e de Justiça e foi n'este tempo que o Dr. Ferreira se ligou por consorcio a D. Germana Pereira de Queiroz, filha do Capitão Luiz Pereira da Cunha, seu correspondente que fôra para a remessa dos productos que mandára á côrte (Lisboa). A historia d'este casamento é muito extraordinaria para que deixemos de transcrevel-a n'este lugar. Chegando o Sr. Dr. Alexandre ao Pará, de volta de sua viagem, ponderou-lhe o Capitão Luiz Pereira da Cunha, que assim era que tinha remettido todos os productos, que lhe enviára para mandar á côrte; mas que por isso se achava no desembolço de tão consideravel despeza <sup>1</sup>, com a qual poderia dotar uma filha; ao que o Sr. Dr. Alexandre respondeu:— Isso não servirá de em-

<sup>1</sup> É notorio, que o dito capitão nunca foi indemnizado.

baraço a seu casamento; eu serei quem receba essa sua filha por mulher; e assim o fez celebrando o seu matrimonio aos 26 de Setembro de 1792. D'este consorcio nasceram duas filhas e um filho de nome Germano Alexandre de Queiroz Ferreira, official supranumerario da mesma Secretaria, em que servia seu pai».

Por circumstancias e razões que se furtam á nossa pesquisa, procurou o Dr. Alexandre R. Ferreira mudar-se da Amazonia depois de pouco tempo. Lembro-me ter lido um requerimento, em que elle pede ser nomeado para um lugar na alfandega de Pernambuco, declarando ter esgotado o pequeno patrimonio e que os 600\$000 de que se constituia o seu vencimento (400\$000 annuaes e 1\$200 diarios a titulo de comedorias) durante os nove annos da «Expedição philosophica» no Amazonas, não tinham chegado para realisar qualquer economia. Aponta para o seu zelo indefesso e lembra as innumeradas difficuldades e perigos, aos quaes elle se tinha exposto no serviço do Governo <sup>1</sup>. É commovente a linguagem n'este curioso documento e não ha quem o leia, sem sentir logo, quanto devia ser duro para este exemplar servidor do Estado recorrer a semelhante passo. Parece que

<sup>1</sup> Poder-se-hia pensar, que a volta para Lisboa era muito natural, uma vez que a commissão estava findada e que elle não só queria acompanhar as suas collecções como tambem apresentar-se em pessoa ao seu governo. Mas então logo não se comprehende, porque A. R. Ferreira pedio tal emprego na alfandega de Pernambuco. Ha aqui n'isto um d'aquelles pontos de interrogação que não cheguei a eliminar.

lá em Lisboa reconsideraram a injustiça, pelo menos encontramos n'aquella côrte o Dr. A. R. Ferreira, em Janeiro de 1793, nomeado official da Secretaria d'Estado dos Negocios da Marinha e dos Dominios Ultramarinos. E mezes depois a rainha D. Maria I até dignou-se honrar o zeloso explorador com o seguinte documento <sup>1</sup>:

« A Rainha Nossa Senhora, attendendo aos serviços do doutor Alexandre Rodrigues Ferreira, official da Secretaria de Estado dos Negocios da Marinha e Dominios Ultramarinos, obrados nas commissões extraordinarias de que foi encarregado de examinar e descrever os productos naturaes do Real Muzeu da Ajuda, e fazer as experiencias chymicas <sup>2</sup> que lhe foram ordenadas, em que se occupou por espaço de cinco annos, sem perceber por isso ordenado algum; e passando ao Estado do Pará com a laboriosa commissão de ser alli o primeiro vassallo portuguez, que exercitasse a empreza de naturalista, se empregou por espaço de nove annos em continuas e perigosas viagens pelas dilatadas capitancias do Pará, Rio Negro, Matto-Grosso e Cuyabá; aonde, além de ser encarregado de observar, acondicionar e remetter os productos naturaes dos tres reinos, animal, vegetal e mineral,

<sup>1</sup> Na « Historia de Portugal », publicada por uma sociedade de homens de letras (vol. I, pag. 126) acho a seguinte observação a este respeito: *Mostra que a rainha apreciava os serviços scientificos, mas tambem que os apreciava modicamente, como foi sempre uso em Portugal.*»

<sup>2</sup> Sic!—(Dr. E. A. G.)

foi igualmente incumbido de todo o genero de observações philosophicas e politicas sobre as diferentes repartições, e dependencias da população, agricultura e navegação, commercio, manufacturas de que deu toda a satisfação, que devia esperar-se da sua honra e applicações, ha por bem fazer-lhe mercê em remuneração do Habito de Christo, com sessenta mil réis de tenças de que se lhe passem os competentes Padrões, que se assentarão nos almoxarifados do reino em que couberem, sem prejuizo de terceiro, e não houver prohibição com o vencimento, na fórma das reaes ordens. E logrará doze mil réis da referida tença a titulo do habito da sobredita ordem que lhe tem mandado lançar. Palacio de Queluz, em 8 de Julho de 1794. — *José de Seabra da Silva.*»

Ainda mais. No mesmo anno, o novo dignitario foi dispensado do emprego de official da Secretaria e encarregado da administração interina do Real Gabinete de Historia Natural, Jardim Botânico e seus annexos <sup>1</sup>. E seus panegyristas patricios estão achando, que assim o Dr. Alexandre R. Ferreira não podia desejar mais cousa alguma, visto que estava coberto de graças pela gloriosa Rainha!

<sup>1</sup> O administrador anterior, Julio Martiazi, tinha fallecido em Setembro de 1794. Os mencionados annexos consistiam em «Gabinete de Bibliotheca, Gabinete de Desenho, Casa do Laboratorio, Armazens de Reserva». Por decreto de 11 de Setembro de 1795 foi A. R. Ferreira nomeado Vice-director do mesmo estabelecimento. //

Ouçamos o que elles dizem e sabem sobre o periodo posterior á mencionada nomeação: «O tempo que lhe restava de suas occupações era empregado em aperfeiçoar e apurar os preciosos materiaes, que havia colhido; mas elles eram tantos, que a sua multiplicidade combinando-se com a precisão de pôr-se corrente nos progressos, que as sciencias haviam feito durante nove annos passados nas solidões da America, e com a falta de meios para dar á luz uma tal obra, fez com que antes de concluir a organização de seus trabalhos philosophicos fosse o Dr. Ferreira accommettido de fatal melancholia, que o roubou á sua familia, ao Estado e ás Sciencias no dia 23 de Abril de 1815.

«Quaes as causas d'essa enfermidade totalmente ignoramos, pois que o Sr. Costa e Sá apenas as indicou envolvidas no manto de generalidades, relatando que consistiam ellas em desgostos provenientes de illusões desvanecidas ácerca das cousas e dos homens da côrte. Acreditamos que a prudencia exigia que não se desse a este negocio todo o desenvolvimento de que elle era susceptivel; mas se as razões que obrigaram o panegyrista a ser menos explicito, não existem hoje, nós tomaríamos a liberdade de lembrar-lhe que a mais pequena circumstancia da vida do homem, que se consagrou ao serviço das Sciencias e do Estado, é sempre de grande preço para que não seja recebida com avidez pela posteridade.

«Fossem, porém, quaesquer que fossem as causas do mal, o certo é que elle resistio a tudo; e se provinha das causas indicadas pelo Sr. Costa e Sá



muito bem repara o nosso illustre consocio em que não fosse destruida pelas repetidas graças, que a Rainha D. Maria I fizera ao Dr. Ferreira, já condecorando-o com o habito da ordem de Christo, já nomeando-o Administrador de suas Reaes Quintas, dando-lhe o lugar de Deputado da Junta do Commercio. Se esta mysanthropia <sup>1</sup> o punha como em desterro do genero humano, a integridade do seu character trouxe-o constantemente emquanto vivo ao desempenho de seus deveres, como homem e como empregado publico; pois ainda quando o seu estado physico, acedendo á impressão da melancolia que o devorava, lhe não permittia mais sahir de casa, então mesmo não deixou nunca de dar ás suas obrigações o cumprimento que este estado lhe permittia: constantemente examinou e enviou as folhas pertencentes ás Repartições, que dirigia e governava, e um momento antes de fallecer assignou a conta do anno de 1814; acabando esta assignatura, elle já não existia, e assim deu ao serviço do Estado o ultimo instante em que a vida o animou.»

<sup>1</sup> Sic! — (Dr. E. A. G.)





## CAPITULO II

Os trabalhos de Alexandre R. Ferreira, especialmente aquelles que tem relação á zoologia, botanica e ethnographia amazonicas.

**A**LEXANDRE R. Ferreira deixou numerosissimos manuscritos, que tiveram uma sorte tão singular que quasi se poderia chamar de tragica.

Por ordem do Visconde de Santarem, foram pela viuva todos elles entregues em 5 de Julho de 1815 a Felix de Avellar Brotero para serem conservados no Real Museu de Ajuda.

Foi lavrado o respectivo recibo e bem assim um inventario com o titulo de «Catalogo Geral dos papeis, etc.» vem impresso esse inventario em forma de extracto e com o titulo de «Noticia de escriptos, etc.», nas Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa d'aquelle tempo. <sup>1</sup>

<sup>1</sup> Este inventario foi reimpresso na «Revista Trimensal do Instituto Historico», do Rio de Janeiro, 1840, Vol. II, pag. 503-510.

Por diversas vezes a dita Academia mexeu com esta grande herança litteraria, ora nomeando quem fizesse o elogio do illustre morto, ora mandando classificar e coordenar os manuscriptos em diversos grupos, ora removendo-os de um lado para outro. O socio Manoel José Maria da Costa e Sá que, aliás para sermos justo, parece ter-se seriamente interessado n'estes trabalhos, distinguio em 1818 tres categorias de escriptos:

- I) Obras pertencentes á viagem philosophica do Grão Pará, Rio Negro, Matto-Grosso e Cuyabá.  
(Vem enumerados com os seus titulos 57 trabalhos, dos quaes alguns em duplicatas e triplicatas, ora completas ora principiadas e truncadas.)
- II) Obras sobre diversos assumptos não pertencentes á viagem.  
(Vem enumerados 17 trabalhos, entre os quaes algumas folhas e pequenas memorias de data posterior á volta para Lisboa <sup>1</sup>)
- III) Obras, que não trazem a assignatura de A. R. Ferreira que porém pela sua natureza e outros argumentos se devem reputar a elle.  
(Vem enumerados 29 trabalhos maiores e menores, diarios, roteiros, relações, etc.)

<sup>1</sup> Não quero deixar de citar os titulos de alguns manuscriptos sobre assumptos zoologicos :

- 1) Descripção do Raconéte (1795) [4 pag.-fol.].
- 2) Descripção do macaco Simia Mormon (1801) [6 pag. 4.º].
- 3) Memoria sobre o Alicarne do Mar. (Data?) [10 pag. 4.º].

Formam portanto um total de 103 manuscritos existentes no tempo do inventario.

Em uma communicaco dirigida á Academia e datada do dia 22 de Agosto de 1838, informa o mesmo Sr. M. J. M. da Costa e Só, que fez transferir, do Archivo do Museu d'Ajuda, para um dos gabinetes da Academia os papeis e livros ali designados como pertencentes a viagem do Dr. A. R. Ferreira, constantes de 22 maos e 6 volumes de desenhos e plantas e mais um mao contendo s desenhos e plantas.

D'aquelles 22 maos, os reduzi a 8; a saber:

- 1.<sup>a</sup> Parte descriptiva do Pará
- 2.<sup>a</sup> « do Rio Negro, com seus respectivos appensos.
- 3.<sup>a</sup> « do Rio Branco.
- 4.<sup>a</sup> « Rio Madeira.
- 5.<sup>a</sup> « do Matto-Grosso.
- 6.<sup>a</sup> Memorias diversas sobre gentios.
- 7.<sup>a</sup> Diversas memorias de zoologia.
- 8.<sup>a</sup> Memorias ou apontamentos sobre objectos botanicos.

Os volumes de desenhos acima notados pertencem indistinctamente a estas divisões. «Sabemos, que em 1838, já não appareceram mais 4 memorias sobre botanica:

- 1.<sup>a</sup> Relaco das amostras de algumas qualidades de madeiras das margens do Rio Negro.
- 2.<sup>a</sup> Diario sobre as observaes feitas nas plantas que se recolheram na Capitania do Rio Negro.
- 3.<sup>a</sup> Diario sobre as observaes feitas nas plantas que se recolheram no Rio Branco.

4.º Dito sobre as plantas recolhidas no Rio da Madeira.

D'esta forma reduz-se o total dos manuscritos, ainda existentes 23 annos depois da morte de A. R. Ferreira, á 99.

É digno de nota o seguinte trecho da mencionada comunicação: «Os Governos da vossa Augusta Fundadora e do Sr. D. João VI, de saudosa memoria, bem se convenceram da utilidade e credito, que para a Nação Portugueza resultava da publicação d'esta viagem; não obstante quando razões politicas pareciam recommendar toda a reserva na publicação de Memorias concernentes a varios pontos do Brazil, razões que, tanto para nós como para o Brazil, totalmente hoje desappareceram.

«Um gravador, varios desenhistas com discipulos se tem mantido por espaço de 50 annos com destino aos trabalhos d'esta viagem, e que teriam adiantado ou concluido as gravuras que lhe pertenciam, se não fossem as interrupções, que por vezes tiveram do principal fim da sua incumbencia. Assim mesmo muitas chapas se acham já abertas, e as que faltam podem hoje ser suppridas mais economicamente por meio da lithographia: outras diligencias e despezas ainda se fizeram para que semelhante obra sahisse á luz; mas que os conhecidos transtornos, por que tem passado a nossa ordem politica, fizeram que fossem baldadas.»

Cito este trecho, porque justifica um pouco Portugal; embora fracamente—ficamos sabendo, que pelo menos houve lá uma vez uma tentativa de publicação das obras do Dr. A. R. Fer-

reira. O encarregado da gravura das estampas foi certo Manoel Marques d'Aguillar, do qual uma indicação antiga reza, que, a pedido de Ferreira por decreto foi nomeado para gravar a parte illustrativa da viagem philosophica. «Acabava de recolher-se da Inglaterra, diz um contemporaneo, onde fora aperfeiçoar-se na arte de gravura e com effeito algumas das ditas estampas vi abertas com o primor que caracteriza as obras d'este artista.» Mas a impressão não foi para diante e por uma conjunção bastante curiosa, boa parte dos manuscritos de A. R. Ferreira voltou para o Brazil. Informa o Sr. Alfredo do Valle Cabral, empregado da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, em interessante pequeno trabalho publicado em 1876,<sup>1</sup> do seguinte modo: «Grato nos é dizer que as numerosas obras que o Dr. Ferreira escreveu e colligio concernentes á sua importante viagem scientifica, se acham em sua quasi totalidade n'esta corte (Rio de Janeiro). Ellas vieram ha bem poucos annos para o Brazil e segundo se diz, por ordem do governo portuguez e sob a condição do governo brasileiro dar a devida publicidade aos trabalhos do sabio naturalista; mas infelizmente dispersaram-se de tal fórma entre nós, que pelo menos em 6 partes se encontram ellas distribuidas. A historia da vinda d'estes manuscritos e de sua completa debandada é bem curiosa, mas aqui não cabe narral-a; accresce que, contal-a equivaleria a offender sem

<sup>1</sup> Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro. Vol. I, pag. 107 seq.

duvida algumas dezenas de susceptibilidades e tal não é o nosso intuito. Felizmente, porém, não foram parar em plagas estrangeiras os trabalhos de um braziliense, que no decurso de perto de dez annos empregou todo seu precioso tempo e seus variados conhecimentos em prol de sua terra natal.»

Eu mesmo vi no Rio de Janeiro diversos dos codices de A. R. Ferreira e lembro-me perfeitamente bem, que alguns d'elles que com mais vagar pude estudar, traziam no frontespicio, debaixo dos titulos os seguintes dizeres: «Copiados no Real Jardim Botânico.» e «Antonio de Menezes Vasconcellos de Drummond, Ministro do Brazil em Lisboa.» Data não vi; mas algumas estampas trazem os nomes dos copiadorez *Manoel Tavares, Piolti, Vicente, José da Serra*, etc.

A Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro nutrio em 1876 o louvavel plano de verificar o que havia das obras de A. R. Ferreira na Capital Brazileira, encetando um trabalho sobre este assumpto—trabalho que devia conter os seguintes sete capitulos:

- I) *Codices da Bibliotheca Nacional.*
- II) » *de outros estabelecimentos.*
- III) » » *collecções particulares.*
- IV) » » *que temos noticia, mas ainda não podemos ver.*
- V) *Codices de varios autores colligidos pelo Dr. Ferreira em sua expedição philosophica.*
- VI) *Notas finaes.*
- VII) *Vida e feitos do Dr. A. R. Ferreira.*



De facto appareceram os tres principaes capitulos acima indicados; são contidos nos *Annaes* Vol. I, fasc. 1, 2 [1876]; Vol. II, fasc. 1 [1877]; Vol. III, fasc. 1, 2 [1877]; porém dos quatro capitulos restantes não pude descobrir nada e parece-me, que a planejada publicação foi interrompida, talvez por morte ou doença do autor, emfim por factores por mim ignorados. É para lastimar-se semelhante circumstancia; deixa a gente perplexa sobre tanta má sorte que parece perseguir tudo que diz respeito ás obras de Ferreira. Aproveitando todavia os materiaes que nos fornecem os referidos tres capitulos, vemos que a Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro possuía n'aquelle anno 51 codices e mais 11 officios e relações, o Instituto Historico 2, o Archivo Militar 1, o Museu Nacional 2, e como figurando em collecções particulares (Carvalho) encontramos indicados 19 codices, o que perfaz um total de 75 codices e 11 officios e relações.

\*

\* \*

De toda esta multidão de trabalhos maiores e menores, até hoje muito pouco tem alcançado a publicação, para a qual o Brazil se tinha obrigado, conforme o autor que acima citamos. Um passo n'este sentido foi dado pelo Instituto Historico e Geographico do Rio de Janeiro, que publicou na

sua *Revista trimensal* o «Diario da viagem philosophica pela Capitania de S. José do Rio Negro com a informação do estado presente dos estabelecimentos portuguezes desde a Villa Capital de Barcellos até a Fortaleza da Barra do dito rio.» — Estende-se este «Diario» sobre quatro volumes consecutivos da dita Revista, correspondentes aos annos 1885 até 1888 (Tom. XLVIII até LI) e não duvido em declarar que o Instituto Historico prestou um valioso serviço editando finalmente uma peça tão importante e extensa. Voltarei a tratar d'ella mais detalhadamente. Pelo mesmo Instituto e na mesma Revista, foi outrosim dado á publicidade, o trabalho muito menor relativo á «Viagem á Gruta das Onças» em Matto-Grosso. (1842, Tom. IV). Consta-me finalmente que tambem foram publicados, sem eu poder precisamente dizer onde, os seus manuscriptos com os titulos: «Propriedade e posse das Terras do Cabo do Norte pela corôa de Portugal em 1792» (47 pag. Fol.) e «Propriedade e posse portugueza das Terras cedidas aos Francezes 1802» (9 pag. Fol.). <sup>1</sup> Não tenho conhecimento de qualquer outra cousa publicada em Portugal ou no Brazil, pertencente ao espolio litterario de A. R. Ferreira e mesmo quanto áquellas chapas gravadas não achei mais indicação alguma posterior a 1838

<sup>1</sup> Parece-me que foi no Vol. III da «Revista Trimensal do Instituto Historico». Evidentemente são documentos de certo interesse por versarem sobre o assumpto ainda hoje não liquidado do territorio contestado entre a França e o Brazil e quer me parecer que talvez merecessem vulgarisação sobretudo aqui no Pará, o Estado mais interessado n'esta questão.

e me é totalmente desconhecido o destino que ellas tiveram. Quem saberá d'ellas? Que falle, quem possuir indicações; como eu disse no principio, já é tempo.

\*  
\*   \*  
\*

Passo a approximar-me do centro de gravitação do capitulo presente, conforme o titulo que lhe appliquei. Principiarei dando uma lista dos trabalhos, que mais directa relação possuem com o estudo da natureza amazonica e que julgo util recommendar á attenção dos circulos, que aqui na Amazonia ou fóra ligam interesse em orientar-se em semelhantes assumptos patrios.

---

OBRAS SOBRE ZOOLOGIA E BOTANICA DO BRAZIL  
DE A. R. FERREIRA

---

A) Codices existentes no Brazil:

- 1) — Memoria sobre o Peixe-boy e do uso que lhe dão no Estado do Gram-Pará.

(Data ?)

Barcellos 2/II 1776.

*Original na Bibl. Nacional do Rio de Janeiro*  
(39 pags. fol.)

- 2) — Memoria sobre as Tartarugas que foram preparadas e remetidas nos caixões n.º 1 até 7 da primeira remessa.

Barcellos

3/II 1786.

*Original na Bibl. Nacional do Rio de Janeiro.*

- 3) — Memoria sobre o peixe Pira-urucú de que já se remettermam dous da Villa de Santarem para o R. Gabinete de Historia Natural e agora se remetem mais cinco d'esta Villa de Barcellos, os quaes vão incluídos nos cinco caixões que constituem parte da 6.ª remessa do Rio Negro.

Barcellos

30/III 1790.

(Idem)

(9 pags. fol.)

- 4) — Observações geraes e particulares sobre a classe dos Mammaes, observados nos Territorios dos tres Rios, das Amazonas, Negro e Madeira: Com as descripções que, de quasi todos elles, deram os antigos e modernos Naturalistas, e principalmente com a dos Tapuyos (387 pags. fol.)

Villa Bella

29/II 1790.

(Idem)

(ha outra copia com 466 pags. fol.)

- 5 — Relação dos animaes quadrupedes, silvestres, que habitam nas mattas de todo o continente do Gram-Pará, divididos em tres partes: Primeira dos que se apresentam nas mesas por melhores; Segunda dos que comem os Indios em geral e alguns Brancos quando andam em Diligencia pelo Sertão; Terceira dos que não se comem.

(Data ?)

(Idem).

- 6 — Memorias sobre as tartarugas,

(« São 15 as variedades de T. que ha no Estado do Gram-Pará. »)

(Data ?)

(Idem)

(Differente da memoria sob n.º 2)

- 7—Memoria sobre os jacarés do Gram-Pará pelo Dr. Alexandre R. Ferreira.  
 (« Ha 13 variedades de Jacarés, o 1.º chamado : Jacaré-assú ou grande. »)  
 (Data ?) *Original na Bibl. Nacional do Rio de Janeiro.*
- 8—Memorias sobre as Palmeiras.  
 (21 especies)  
 (Data ?) (Idem).
- 9—Memorias sobre as Palmeiras do Estado do Gram-Pará, cujas folhas servem para se cobrirem as casas e para outros usos.  
 (30 especies)  
 (Data ?) (Idem).
- 10—Memorias sobre as Madeiras mais usuas de que costumam fazer canôas os Indios, como os Mazombos, do Estado do Gram-Pará.  
 (Data ?) (Idem).
- 11—Madeiras que servem para casas e para obras de Marcenaria.  
 (Data ?) (Idem).
- 12—Memorias sobre as cascas de páos que applicam para curtirem os couros.  
 (Data ?) (Idem).
- 13—Plantas da Expedição do Pará.  
 Copiadas no Real Jardim Botanico.  
 3 Vol.  
 Vol. I : 233 estampas  
 Vol. II : 227 estampas  
 Vol. III : 208 estampas  
 (Data ?) *(Museu Nacional).*

- 14 — Desenhos de Gentios, Animaes quadrupedes, Aves, Amphibios, Peixes e Insectos, etc., da Expedição Philosophica do Pará, Rio Negro, Matto-Grosso e Cuyabá.

Copiados no R. Jardim Botânico.

2 Vol.

Vol. I: 161 estampas 1

Vol. II; 83 estampas

(Data ?)

(*Museu Nacional*).

- 15 — Relação dos Peixes dos Sertões do Pará. (Traz tambem a dos peixes da *Costa* do Pará )

(83 especies).

(Data ?)

(Collecção Dr. J. A. Alves de Carvalho).

(Um exemplar mais completo em mãos de um amator.)

*Annaes da Bibliotheca Nacional.*

Vol. III, Fasc. 2 (1877)

(pag. 354)

OBRAS SOBRE ETHNOGRAPHIA AMAZONICA  
POR ALEXANDRE R. FERREIRA

- 1 — Memoria sobre as Cuyas que fazem as Indias de Monte Alegre e de Santarem para ser appenso ás amostras que remetti no Caixão n.º 1 da primeira remessa.

Barcellos

4/II 1786

(*Bibl. Nacional*)

(7 pags. fol.)

1 Gentios 13.  
Animaes quadrupedes 43.  
Aves 41.  
Amphibios 4.  
Peixes 56.  
Insectos 4.

- 2—Memoria sobre a louça que fazem as Indias do Estado para ser appenso ás amostras nos caixões n.º I, V e VIII da primeira remessa.

Barcellos  
5/II 1786

(*Bibl. Nacional*)  
(2 pags. fol.)

- 3—Memoria sobre as Salvas de Pallinha pintada pelas Indias de Santarem, as que foram remetidas no caixão n.º III da primeira remessa do Rio Negro.

Barcellos  
5/II 1786

(*Idem*)  
(2 pags. fol.)

- 4—Memoria sobre o Isqueiro ou caixa de guardar a isca para o fogo, a qual foi remetida no caixão n.º 7 da primeira remessa do Rio Negro.

(*Tatá-potaba*).

Barcellos  
9/II 1786

(*Idem*).

- 5—Memoria sobre os Instrumentos de que usa o Gentio para tomar o tabaco—Paricá—os quaes foram remetidos no caixão VII.

Barcellos  
13/II 1786

(*Idem*)  
(3 pags. fol.)

- 6—Memoria sobre os Gentios Yurupixanas, os quaes se distinguem dos outros em serem mascarados (Rio dos Parêos).

Barcellos  
20/II 1787

(*Idem*)  
(3 pags. fol.)

- 7—Memoria sobre a figura que tem os Gentios Manhas, habitantes do Rio Cumiary e seus confluentes.

Barcellos  
20/II 1787

(*Idem*).

- 8 — Memoria sobre os Indios Hespanhoes [desertados da provincia de Santa Cruz de la Sierra] apresentados ao Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. João Pereira Caldas na Villa de Barcellos.  
20/11 1787  
(*Bibl. Nacional*)  
(6 pags. fol.)
- 9 — Explicação de ambos os Desenhos da Planta de cada uma das Malocas dos Gentios Curutús, situados no Rio Apaporis.  
Barcellos  
20/11 1787  
(Idem).
- 10 — Memoria sobre os Gentios Caripunas, que habitam na margem Occidental do Rio Yatapú, o qual desagua na margem oriental do Rio Uatumãa.  
Barcellos  
28/Agosto, 1787.  
(Idem)  
(4 pags. fol.)
- 11 — Memoria sobre os Gentios Urequenas, que habitam nos Rios Içana e Ixié, os quaes desaguam na margem occidental da parte superior do Rio Negro.  
Barcellos  
29/Agosto, 1787  
(Idem)  
(11 pags. fol.)
- 12 — Memoria sobre os Gentios Muras, que voluntariamente desceram para as Povoações dos Rios Negro, dos Solimoens, das Amazonas e da Madeira.  
Barcellos  
30/Agosto, 1787  
(Idem)  
(12 pags. fol.)
- 13 — Memoria sobre as Mascaras e Farças que fazem para os seus bailes os Gentios Yurú-pixunas.  
Barcellos  
31/Agosto, 1787  
(Idem)  
(15 pags. fol.)



- 14 — Memoria sobre os Gentios Cambébas que antigamente habitaram nas margens e nas Ilhas da parte superior do Rio Solimoens.

Barcellos  
17/Setembro, 1787

(*Bibl. Nacional*)  
(14 pags. fol.)

- 15 — Memoria sobre os Indigenas Catauixis.

Barcellos  
4/Junho, 1788

(Idem)  
(4 pags. fol.)

- 16 — Memoria sobre os Indigenas Miranhas (Solimoens).

Barcellos  
4/Junho, 1788

(Idem)  
(2 pags. fol.)

---

«DIARIOS» DE VIAGENS <sup>1</sup>

- 1 — Diario da viagem philosophica pela Capitania de S. José do Rio Negro com a informação etc., (140 pags. fol., com outra copia augmentada de 514 pags. fol.)
- 2 — Diario do Rio Branco. (27 pags. em 4.º)
- 3 — Relação circumstanciada do Rio da Madeira e seu territorio desde a sua foz até a sua primeira cachoeira chamada de Santo Antonio, feita nos annos 1788-1789. (101 pags. fol.)
- 4 — Viagem á Gruta das Onças em 1790. (16 pags. fol.)
- 5 — Roteiro da viagem de Matto-Grosso (3 pags. fol.)

<sup>1</sup> Segundo a «Noticia dos escriptos do Dr. Alexandre R. Ferreira» por R. de S. da S. Pontes, «Revista Trimensal do Instituto Historico» 1840, Tom. II, pag. 503.

E) Codices menores, que figuram no inventario litterario, e dos quaes não tenho noticia se jamais voltaram para o Brazil:

- a)* — Memoria sobre as tartarugas Yurará-rete 1786. (9 pags. fol.)
- b)* — Memoria sobre a tartaruga Matá-matá. (3 pags. fol.)
- c)* — Descrição da mesma tartaruga 1784. (6 pags. fol.)
- d)* — Descrição do peixe Arauaná 1787. (2 pags. fol.)
- e)* — Relação de todos os passaros e bichos do Estado do Gram-Pará que se remetteram ás Quintas Reaes pelo Ex.<sup>mo</sup> Sr. João Pereira Caldas 1763-1779. (19 pags. fol.)
- f)* — Relação das madeiras do Estado do Gram-Pará de que foram amostras á Secretaria d'Estado da Marinha, remettidas pelo Governador e Capitão-General João Pereira Caldas. (Data ?) (pag. ?)
- g)* — Relação dos nomes das madeiras proprias para a construção de embarcações, moveis de casa, e outros destinos, que se tem descoberto no Estado do Pará. (6 pags. fol.) (Data ?)
- h)* — Memoria sobre uma porção de cabo formado da casca do Guambé-cima. (10 pags. fol.) (Data ?)
- i)* — Virtudes, preparação e uso da raiz de caninana nas enfermidades venereas, tanto recentes como chronicas. (4 pags. fol.) (Data ?)





### CAPITULO III

#### O Itinerario da Viagem Philosophica no Rio Negro segundo o respectivo "Diario"

**S**ÃO nada menos que 692 paginas que occupa o «Diario do Rio Negro» nos referidos 4 volumes da «Revista Trimensal do Instituto Historico», é acompanhado e entremeado de numerosos officios, relatorios annexos, roteiros, etc., de maneira que o «Diario» propriamente dito se reduz a um tamanho consideravelmente menor. É comtudo bastante penoso o caminho atravez d'esta agglomeração singular de peças heterogeneas; uma synopse rapida não é possivel e estou convencido que tanto aquelles — e não serão muitos — que possuem a série completada mencionada Revista, como os que não a possuem, me serão gratos por uma tentativa de coordenação d'este material atorreado. Sete «participações» circunstanciadas, todas dirigidas ao Governador Caldas, versam sobre a excursão á parte superior do Rio Negro e seus af-

fluentes; cinco outras, não menos extensas contêm a relação sobre a viagem realisada no curso inferior do mesmo rio.

*Curso superior.*—Partindo, como dissemos já no primeiro capitulo, em 20 de Agosto de 1785, ás 7 horas da manhã, de Barcellos, consumiu A. R. Ferreira os dias 20, 21 e 22, vencendo a distancia relativamente pequena de 16 1/2 legoas até Moreira, por ter embarcado em canôa grande e ronçeira. Encontrou do lado meridional (direito) os rios Baruri e Guiuni e os riachos Aratahi e Quermeucuvi. Ás 6 horas da manhã do dia 23 chegou á *Moreira*, em outro tempo aldêa do Camará e por outro nome Caboquena. Informa A. R. Ferreira, que este ultimo nome era o de um indio, que por occasião de uma sublevação de indios vizinhos no dia 24 de Setembro de 1757 foi assassinado com o missionario carmelita Frei Raymundo Barbosa. Indica que o total dos habitantes importava em 276, sendo 184 indios e que o total dos fogos era 25. De gado só havia 11 cabeças.

Costeando a margem direita entrou no dia 25 de Agosto no Paraná-mirim, atravessou ás 6 horas da tarde a bocca do Rio Uarirá <sup>1</sup> e subindo nos dias 26 e 27, chegou no dia 28 ás 8 horas da manhã na villa de *Thomar*, antigamente aldêa de Bararoá. Conta o autor, que meio seculo antes consecutivas epidemias de bexiga tinham assolado a população indigena e que o carmelita Frei Joseph de Magda-

<sup>1</sup> O meu atlas de Stieler (estampa 90) dá este rio com o nome de «Urarirá».—(Dr. E. A. G.)

lena tinha pela primeira vez em 1740 tentado com successo a vaccinação preventiva. Observou do lado direito a foz do rio Uereré, e do lado esquerdo o rio Padáuíri (que visitou na volta). O explorador indica o total dos habitantes no tempo da sua passagem como sendo 591, dos quaes 521 indios; fogos 54 e cabeças de gado 19.

Largando do porto da villa pelas 8 horas da manhã do dia 1 de Setembro, chegou ás 2 horas da tarde no lugar de nome *Lamalonga*, antigamente aldêa de Darí, segundo o principal de indios que a fundou. Fez propaganda entre os colonos para a introdução do canhamo e do anil. Achou o total da população sendo 203 pessoas, entre as quaes 196 indios; fogos 21, cabeças de gado 19.

Demorando 4 dias em Lamalonga, ás 6 horas da manhã de 5 de Setembro continuou viagem rio acima. Passou a foz dos riachos Xibarú e Mabaá, do lado direito e do esquerdo o riacho Hoisaá. Refere a historia do celebre chefe dos indios Manáos, Ajuricabá, residindo outros n'aquelle rio e que alliando-se com os Hollandezes da Guyana, muito deu que fazer aos Portuguezes, de sorte que o Rei lhe declarou a guerra e mandou organizar uma expedição contra elle, capitaneada por João Paes de Amaral e Belchias Mendes. Prenderam o valente Ajuricabá com mais dous mil indios, mas este « quiz antes morrer affogado no rio, onde se lançou assim mesmo preso como estava, do que ser morto a sangue frio no cadafalso, que se lhe preparava ». Subindo durante os dias 7 e 8, passou pela bocca

do rio Daraá <sup>1</sup> e no dia 9 de Setembro, ás 11 horas da manhã, chegou á povoação de *Santa Izabel*. Ouvio A. R. Ferreira que a antiga povoação *Vajaurí*, situada a tres horas mais para baixo, perto da bocca do rio *Urubaxí* (lado direito) tinha sido abandonada por causa das formigas, dos assaltos dos indios *Múras*, e refere que já era «*tapera*» no tempo da sua visita. Lamenta o autor os prejuizos que provém da extracção das «*drogas*» para a lavoura; recommenda, o que hoje em dia se chama, a «*cultura intensiva*».

No dia 11 de Setembro, ás 6 horas da manhã, largou de *Santa Izabel*. «*Passada meia hora de viagem, principiou pela minha parte o susto e pela dos indios da canôa o trabalho, não sei si diga, de a puxarem á corda, si de a carregarem ás costas, para vencerem a primeira correnteza. Accelera por aquella parte o rio o seu curso, e por entre ilhotes de pedra corre com tanta velocidade, que bem se póde considerar aquella como a primeira cachoeira. Não foi uma só a que venci pela primeira vez; seguiram-se immediatamente duas outras correntezas, que a canôa não pôde vencer, sem ser levada á cirga pelos indios. Assim passei o dia sahindo de uma e entrando em outras mais, e menos violentas, até ser obrigado a pernoitar*». Na manhã do dia 12 entrou no furo de *Maraiá*, sahindo d'elle ás 2 horas da tarde; ás 8 horas da manhã do dia 13 passou a foz do rio *Inambú*, e ás 10 do mesmo dia a do rio *Abuará* (todos tres ao lado esquerdo)

<sup>1</sup> O meu «*Stieler*» escreve «*Darahá*». — (Dr. E. A. G.)

e pelas 10 horas da manhã do dia 14 entrou na povoação de *Santo Antonio do Castanheiro novo*. Cita como affluentes do lado direito do Rio Negro n'este trajecto os rios Urubaxi, o Uajanana (Ajuaná), o Uenerixi <sup>1</sup>, o Inuixi e o Xinará <sup>2</sup>.

A. R. Ferreira achou a povoação <sup>3</sup> habitada por indios Barés, Iurís, Pexunas, Passés e Xamás. Dá o total da população como sendo de 114 pessoas, das quaes 108 indios aldeados; fogos 9.

De Castanheiro mandou o soldado Joaquim Pinto com cartas ao commandante da fortaleza de São Gabriel, pedindo pequenas canôas em troca da canôa grande de transporte. Seguindo viagem ás 6 1/2 horas da manhã do dia 15 de Setembro, costeando o lado septentrional, viu pelo lado Norte, a distancia consideravel as serras de Cauaburiz <sup>4</sup>, pernoitou sobre baixos de arêa e ao meio dia de 16 de Setembro aportou na povoação de *N. S. do Loreto de Maçarabí*, fundada em 1772 por Joseph Antonio da Cunha no lugar da residencia do principal Maçá. (179 habitantes, dos quaes 175 indios; fogos 13).

<sup>1</sup> e <sup>2</sup> Os respectivos rios têm no meu «Stieler» os nomes «Univeri» e «Chivará». — (Dr. E. A. G.)

<sup>3</sup> D'estas povoações escreve Ferreira: «O que escrevo d'esta, entenda V. Ex.<sup>a</sup> de todas as outras povoações até a de São Gabriel. Nenhuma d'ellas merece tal nome, porque nenhuma d'ellas é outra cousa mais do que verdadeiramente uma feitoria de farinha». Dos soldados, que tantas vezes encontramos como directores d'estas povoações e colonias, conta o nosso autor, que na sua maioria eram residuos da extincta expedição de limites entre Portugal e Hespanha e que o rei, por diversas cartas, tinha animado os casamentos d'estes com as indias do Amazonas superior.

<sup>4</sup> No atlas Stieler esta serra figura com o nome de «Cababuriz».

No dia 20 de Setembro, ás 8 horas da manhã, voltou o soldado J. Pinto com as 4 canôas pedidas e duas cartas do commandante da fortaleza de São Gabriel e assim na manhã do dia 22 A. R. Ferreira pôde seguir rio acima. Já ao meio dia do mesmo dia aportou na povoação de *São Pedro*, antigamente aldêa de Simapé, (101 habitantes, dos quaes 95 indios; fogos 11). Ás 8 horas aportou na povoação vizinha de *São Joseph*, dirigida pelo soldado Luiz Mágo (79 habitantes, todos indios; 7 fogos).

Logo seguiu para *S. João Nepomuceno do Camundé* (latit. 22' sul), povoação de 12 casas e 120 habitantes, todos indios, dirigida pelo soldado Joaquim Jorge e com alguma cultura de maniva e anil.

Ás 6 da manhã do dia 24 de Setembro A. R. Ferreira achava-se na bocca do Rio Marié (lado direito), cujas margens eram habitadas pelos indios Mepuri e Macú<sup>1</sup>; o rio Marié se communica com o Japurá mediante o affluente d'este, Puréos. O autor chama a attenção sobre a arvore da casca preciosa, que na lingua baré se chama «inidáo» e cujos fructos se conhecem com o nome de «puxuri-mirim». Ás 7 horas da manhã do dia 25 de Setembro estava na foz do rio Curicuriahú (lado direito), avistando ao longo altas serras, habitadas pelos indios

<sup>1</sup> Como annexo vem um extracto de relatorio sobre a viagem ao rio Marié em Setembro de 1755, realisada por Antonio José Laudi, architecto, em companhia do capitão Estevão José da Costa, por ordem do governador Francisco Xavier de Mendonça Furtado — relatorio que narra o procedimento traiçoeiro dos principaes Manacari e Aduana, que tinham se comprometido para um descimento. («Revista Trimensal», 1885, pag. 165 — 175).



Meparí, Maiapena e Macú. Entre 9 e 10 entrou no porto da povoação de *São Bernardo do Camanáo* (nome tirado do principal João Luiz Camanáo, falecido na foz do Rio Piráparaná em 21 de Fevereiro de 1784). (Total 94 habitantes, todos índios; fogos 7). «Da povoação de São Bernardo até ao porto de cima da de São Gabriel posso dizer a V. Ex.<sup>a</sup> que tudo é uma cacoeira continuada». A. R. Ferreira tece um elogio ao anspeçada Bernardino de Freitas que dirigia a sua canôa e as cordas de «timbotítica» e «piassaba». Antes de S. Gabriel visitou ainda a povoação de *N. S. de Nazareth de Curiana* (lado esquerdo), constando de 9 casas com 117 habitantes, entre os quaes 109 índios (fogos 9).

Segue a descripção da entrada em *São Gabriel*, sua situação pittoresca, sua fortaleza, sua historia, etc. A população se compunha de índios aldeados das nações Barés, Mapurís, Juripixunas, etc., e constava de 197 habitantes, dos quaes 190 índios (fogos 14). Deteve-se aqui algum tempo A. R. Ferreira, pois só no dia 18 de Outubro de 1785 vimol-o encaminhar-se para uma exploração do *Rio Uaupés*<sup>1</sup>. (No dia antes, 17, ficou com o lado direito adormecido em consequencia de uma descarga electrica, que se tinha dado na casa do coronel Manoel Gama Lobo de Almeida). Logo acima de S. Gabriel, na distancia de meia hora de viagem, viu-se a povoação de *São Gabriel*, com 152 habitantes índios. Vencendo as duas cachoeiras do Caldeirão e do Pare-

<sup>1</sup> Segundo Stieler o rio Uaupés seria em territorio da Columbia.

dão, chegou com um dia de viagem na bocca do Uaupés, ás 6 horas da manhã do dia 19 de Outubro. Uma legoa acima entrou na povoação de *São Joaquim do Cuané* (3' latit. Sul <sup>1</sup>). Sahindo ás 10 horas da manhã do dia 19, chegou á bocca do Rio Tiquié (affluente do lado direito) pelas 8 horas do dia 23. (Nota Ferreira que tanto pelo Tiquié, como pelo Capurí se póde ir ao Rio Apaporis, tributario do lado esquerdo do Japurá). Chegando á primeira cachoeira, chamada do Ipanoré, os indios remeiros se negaram a continuar viagem e A. R. Ferreira viu-se obrigado a voltar.

Tendo-se demorado no Rio Uaupés pelo espaço de 9 dias (19 a 28 de Outubro de 1785), subio outra vez o Rio Negro acima, chegando á povoação de Sant'Anna (constando de 8 palhoças desertas) e depois á de São Felippe, de 11 palhoças, lugarejo dirigido pelo soldado Joseph Duarte. Ficando na mesma margem do rio (direita) chegou ás 9 horas da manhã do dia 29 na foz do *Rio Içanã*. Tendo mandado um soldado procurar montaria em N. S. da Guia, A. R. Ferreira dividio, depois da chegada d'esta, a expedição em dous corpos: elle, acompanhado do desenhador Joaquim J. Codina resolveu subir o Rio Içanã, deixando a sua canôa « com toda e qualquer fazenda real que n'ella se acha » aos cuidados do desenhador Joseph J. Freire. Já não acha mais a povoação de S. Miguel do Iparaná, outr'ora habitada pelos indios Banibas. Ás 2 horas

<sup>1</sup> Segundo o meu atlas de Stieler pl. 90 São Joaquim seria situado tantos minutos para o Norte do Equador, e não para o Sul.

da tarde do dia 31 de Outubro venceu a primeira cachoeira; 8 horas da manhã do dia 1 de Novembro subiu a segunda, a terceira ás 6 horas da tarde, a quarta no dia 2 e a quinta ás 11 horas da manhã. A. R. Ferreira cita, como observados por elle, dous rios do lado austral, o Cubaticuui, e o Amauari; do lado do Sul o Coiari. «Da fartura de caça e da abundancia de pescadas não era aquella a munição a dicidir, visto que todos estes rios são famintos pela enchente; comtudo algumas pirahibas se pescaram e os mais peixes do paiz». A. R. Ferreira, principiando a sentir symptomas de sezões, não estendeu além de 8 dias a excursão por este rio. Sahio da sua fóz na tarde do dia 5 e pelas 5 horas aportou na povoação de N. S. da Guia. (Lugar miseravel de 15 tijupares, dirigidos pelo soldado Joaquim Thomaz de Aquino). Ás 5 1/2 horas da manhã do dia 6 de Novembro, continuou viagem e depois de perto de 12 horas de jornada aportou em S. João Baptista de Mabé: 6 casas e 48 almas, dirigidas pelo soldado Lourenzo Pereira Cardozo. Sahindo ao amanhecer do dia 7, atravessou para a margem austral e depois de uma viagem de 3 horas chegou na povoação de S. Marcellino, situada na fóz do rio *Ixié*. Aqui era um ponto importante debaixo do ponto de vista estrategico: muito se temia (como se vê pelos officios juntos) de invasões hespanholas pelo lado do forte hespanhol San Agostinho. A. R. Ferreira dividio pela segunda vez sua columna exploradora: elle, chefe, e Codina, o desenhador, propuzeram-se subir o rio *Ixié* (lado direito) emquanto que J. J. Freire e o

preparador Agostinho J. do Cabo ficaram encarregados de subir o rio *Dimiti* (lado esquerdo) <sup>1</sup>. A participação traz informações tanto de uma excursão, como da outra. A. R. Ferreira demorou-se 6 dias no rio Ixié (8 até 13 de Novembro). Notando numerosos rastros de onças e avisado pelo piloto da visinhança dos indios Uerequenas voltou. (A excursão da columna que fôra destacada pelo rio Dimiti não apresenta cousa alguma de notavel (9—14 de Novembro). Em 15 de Novembro, pelas 11 horas da manhã, chegou A. R. Ferreira na fortaleza de S. Joseph de Marabitanas.

Commandava-a Joaquim Manoel da Maia Mello, de cuja actividade o auctor faz vantajosa referencia. O total da população existente nos diversos lugarejos subalternos ao forte importava em 383 pessoas, todas indios (Barés e Banibas); fogos havia 56. «Aqui a fome e o infinito mosquito eram a prova de bomba das mais resignadas paciencias». Até Cacuhi (Cucuhy) A. R. Ferreira não foi. Depois de uma residencia de 5 1/2 dias na fortaleza de S. Joseph de Marabitanas, desceu outra vez o Rio Negro no dia 20 de Novembro, gastando 3 dias até São Gabriel (22 de Novembro). Acondicionando as collecções feitas, demorou-se aqui até 2 de Dezembro. No dia 3 dormio em São Pedro, no dia 4 entrou em Loreto de Maçarabí. Resolveu-se a subir o *Rio*

<sup>1</sup> Visto que tanto o percurso do rio Dimiti como o do rio Ixié e Içanã acham-se em todo ou em parte pontuados ainda nos mappas geographicos modernos, o que significa—«terra incognita»—recommendamos a leitura dos respectivos trechos d'este «Diario» aos geographos.—(Dr. E. A. G.).

*Cauaburí* <sup>1</sup>; chovendo porém copiosamente nos dias 5 e 6, só na tarde d'este dia, poudo Ferreira, acompanhado de J. J. Codina, meter-se em caminho, tendo logo a vencer uma cachoeira (8 1/2 horas de viagem da fóz) e outra de tarde do dia 7. Entre a segunda e a terceira cachoeira grande viu A. R. Ferreira a bocca do affluente esquerdo Rio Majá e refere o que o soldado Efigenio da Costa informou ácerca de uma sua expedição n'este braço e a pretendida communicação com o rio Abuará. Deixando aqui um dos desenhadores para pintar estas cachoeiras, o nosso explorador reservou para si a exploração do *Rio Maturacá* (tributario esquerdo do Cauaburí). Durante o dia 9 de Dezembro navegava entre o igarapé de Emobo e a bocca do Iá (poente).

Pelas 4 horas da tarde do dia 10 de Dezembro viu a Serra dos Mabiús (margem oriental), e o logar da tapera, onde no dia de Pentecostes de 1766 o principal d'estes indios assassinou traiçoeiramente o ajudante de auxiliares Francisco Rodrigues. Ás 6 horas achou-se debaixo da grande serra do Cauaburí, que não pôde bem perceber atravez das grossas nuvens. «O cume é escalvado e consta de saxo, o qual chega a adquerir com o sol um tal gráo de calor que incende o restolho que n'ella ha; e do fogo assim excitado procede nos indios, que o ob-

<sup>1</sup> Tambem o rio Cauaburí (Stieler: Cababuris), com seus affluentes Majá (Stieler: Mayo) e Maturacá (Stieler: Meturação) acham-se indicados como inexplorados nos mappas modernos. A leitura d'esta participação (setima) é portanto de bastante interesse para os geographos, encontrando-se talvez ainda os desenhos respectivos.— (Dr. E. A. G.).

servam, a admiração com que vêm e contam uns aos outros, que ha na dita serra um fogo prodigioso, porque ignoram a causa: uma das suas summidades se apresenta em fórma de um grupo farpado e é absolutamente inacessivel». Por causa da falta de gente precisa e meios de prevenção contra «os casos das mordeduras das cobras, as quaes alli são infinitas, além de muitas onças, porcos do mato, e toda a casta de feras, de que aquella serra é um covil» A. R. Ferreira desistio da subida da serra de Cauaburi e seguio em demanda da bocca do Rio Maturacá. Lá chegou ás 3 1/2 horas da tarde do dia 12/XII. O autor se estende sobre a subida n'este rio realisada em 1786 pelo cabo de esquadra Raymundo Mauricio e a communição com o rio Bacimone e o canal de Caciquiari. Ferreira voltou da fóz do Maturacá e gastou 2 dias (13/14) para descer até Caldas, povoação situada na margem oriental e no principio da primeira cachoeira grande do rio Cauaburi—ao passo que tinha gasto 6 dias na subida.

O incansavel explorador quiz continuar no estudo dos tributarios do lado esquerdo do Rio Negro e assim tomou logo em vista visitar o *Rio Padauri*<sup>1</sup>. Sahindo de Caldas (109 indios; 11 fogos) no dia 17 de Dezembro, chegou na fóz do dito rio, situada em frente da villa de Thomar, pelas 4 horas da

<sup>1</sup> Tanto o Padauri (Sticler: Padavire) com os seus afluentes, como o Uarac são indicados como ainda hoje inexplorados nos mappas de Sticler, o ultimo de todo, o primeiro pelo menos quanto a todo o percurso inferior.—(Dr. E. A. G.)

manhã do dia 20. O rio é de agua branca, ao passo que o Ixié-mirim <sup>1</sup>, affluente esquerdo do Padauirí, é de agua preta. «É rio este mais que abundante das palmeiras murity, jauarí, e assahy; a piassaba é mais rara, d'ella recolhi alguns filhos, que transplantei para esta villa; a caapiranga é muito vulgar. Em qualquer parte se encontra ubím: só da cachoeira para cima ha ubussú para as cobertas das casas, e nos rios colateraes, assim como nas suas cabeceiras alguma salsa e cupaúba apparece. Pela vazante do rio tiram-se d'elle bastantes tartarugas, das que por aqui se chamam jurarás e tracajás, bem como os peixes tocunaré, tarahira, aracú, pirahiba, grandíssimas piranhas de 2, 3, 5 e 6 libras de pezo, surubis, etc., e de rio cheio algum peixe-boi. Nas terras das margens apparecem os jabotins, os taititús, e veados, etc., nadão no rio infinitas lontras, antas e capiváras; e quanto ás aves nunca vi tantos mutúns e cujubís». As demais informações sobre o Padauirí e seus affluentes são emprestadas de indios praticos. Tendo chegado no dia 25/XII á cachoeira extensa, achou «o mosquito inaturavel n'este lugar». Sahiu na tarde do dia 27/XII.

No *Rio Uaracá* <sup>2</sup> explorou A. R. Ferreira mais um tributario esquerdo do Rio Negro.

Entrou n'este rio, que desagua a um dia de distancia da villa de Barcellos, no dia 30 de Dezem-

<sup>1</sup> <sup>2</sup> Tanto o Padauirí (Stieler: Padavire) com os seus affluentes, como o Uaracá são indicados como ainda hoje inexplorados nos mappas de Stieler, o ultimo de tudo, o primeiro pelo menos quanto a todo o percurso inferior. — (Dr. E. A. G.)

bro pelas 9 horas da manhã. A meio dia de viagem da bocca chegou á lagoa d'El-Rei («ficou-lhe este nome por n'elle haverem pescado os Algarvios empregados no serviço da pesca para sustento dos entretidos pela fazenda real na diligencia da demarcação passada.») Informa, por ter ouvido dizer, que a distancia de quatro dias de viagem, rio acima principiavam as terras altas e navegando mais dous dias, chega-se a uma cachoeira e que o morador J. Gomes de Andrade, subindo mais tres dias acima d'ella, retrodeceu por causa dos muitos indios. Communica-se com o rio Caratimani (affluente esquerdo do Rio Branco).<sup>1</sup>

Como já dissemos, A. R. Ferreira achava-se na villa de Barcellos no fim do anno de 1785; evidentemente elle limitou-se a uma simples excursão ao curso inferior do rio Uaracá e não passou além da tal lagoa d'El-Rei. Assim a viagem ao curso superior do Rio Negro tinha durado quatro mezes e meio — do dia 20 de Agosto de 1785 até 31 de Dezembro do mesmo anno.

---

As participações que seguem, referem-se á exploração do curso inferior do Rio Negro. A primeira, muito extensa e em muitos respeitos digna de leitura, dá conta detalhada da villa de Barcellos.

<sup>1</sup> De semelhante comunicação os mappas modernos á minha disposição não dão noticia. O meu «Stieler» dá o Caratimani como tributario esquerdo do Rio Tixibiri e como inexplorados o curso superior tanto de um como de outro.—(Dr. E. A. G.)



Orienta sobre ensaios de acclimação de plantas e fructas tropicaes oriundas de outras partes do Brazil e indica o total dos habitantes como sendo de 1.153 (fogos 90; cabeças de gado 42).<sup>1</sup> A. R. Ferreira desceu o Rio Negro no dia 23 de Abril de 1786, chegando em 24/IV em *Poiares* (400 moradores, dos quaes 366 indios). Em 26 de Abril achamol-o na villa de *Moura* (antigamente aldeia da Pedreira). Lá achou 814 moradores, dos quaes 729 indios aldeiados; fogos 88, cabeças de gado 74. Ás 10 da manhã do dia 28 de Abril o nosso viajante tinha attingido o lugar de Santo Elias do *Airão*, com 148 habitantes (126 indios; 22 fogos). Na manhã do dia 1 de Maio A. R. Ferreira já se achava na Fortaleza da Barra do Rio Negro. Lá tinha 301 moradores (indios 243), fogos 40; cabeças de gado 21.<sup>2</sup>

O aviso, expedido ao commandante d'esta fortaleza, era do seguinte theor:

«Achando-se o Doutor Naturalista A. R. Ferreira a partir d'aqui brevemente para o Rio Branco, afim de proceder n'aquelle districto aos exames da sua commissão; e devendo com o mesmo fim primeiramente encaminhar-se até esta Fortaleza, o

<sup>1</sup> «Revista do Instituto Historico» 1886, Tom. 49, paginas 123 — 288.

<sup>2</sup> Na pag. 109 da «Revista Trimensal» 1888 vem no «Supplemento a participação geral do Rio Negro» um mappa sobre a população do Rio Negro, no qual o total dos habitantes das 28 povoações é indicado por A. R. Ferreira como sendo de 6.642, a saber 5.760 indios, 633 pessoas livres, 247 escravos. O numero de fogos é de 777.

até á foz e confluencia d'este rio, com o das Amazonas: fique V. M.<sup>ce</sup> entendendo, que, não só para as precisas indagações, e observações deve coadjuvar ao dito Doutor com as noticias, e informações que lhe pedir, mas mesmo com o que necessitar, de gente, e mantimentos, cobrando d'estes V. M.<sup>ce</sup> recibos, para se abonarem, ou se satisfazer a sua importancia, pela Real Fazenda; e enviando-me, a seu tempo, a relação de tudo, para assim me ser presente.» Deus Guarde a V. M.<sup>ce</sup>.

Barcellos, 15 de Abril de 1786.

---

Infelizmente o que a «Revista do Instituto Historico» imprimiu d'este Diario da Viagem Philosophica não vae além da chegada de A. R. Ferreira á Barra do Rio Negro. Estamos portanto privados ainda dos pormenores sobre a exploração do Rio Branco, assim como de tudo o mais que diz respeito ás ultiores viagens do naturalista no alto Amazonas.





## CAPITULO IV

Fragmentos sobre ethnographia e zoologia  
amazonicas, extrahidos do mesmo «Diario»

**N**A setima participação, que contém um resumo geral sobre as observações feitas durante a viagem philosophica, A. R. Ferreira dá no Capitulo XVI <sup>1</sup> uma synopse sobre os indios do Rio Negro, coordenada segundo os rios. Esta lista é de bastante interesse e vale a pena ser conhecida e reproduzida, porque ella facilita a orientação sobre o estudo da distribuição geographica dos aborigenes mais de cem annos atraz. Eis a copia litteral:

«Passo a especificar os gentios. O asterisco (\*) denota as nações desertadas, ou extinctas nos rios da sua habitação, como foram os indios Tarumaz:

<sup>1</sup> «Revista Trimensal do Instituto Historico» 1888, Tom. 51,  
pag. 7 seq.

## RIOS DO NORTE

I RIO ANANINÉ.....	Os Aroaquiz.
II RIO JAUAPIRI.....	Aroaquis.
	1 Parauanas
	2 Aroaquiz.
	3 Parauás.
	4 Aturahiz.
	5 Pauxianas.
	6 Guayumazás.
	7 Tapicariz.
	8 Saporaz.
	9 Uajurús.
	10 Xaperús.
III RIO BRANCO.....	11 Uapixanas.
(Quecenene)	12 Scuris.
	13 Jaricunas.
	14 Carapis.
	15 Uaicás.
	16 Macuxis.
	17 Caripunas.
	18 Amaribás.
	19 Arinas.
	20 Quináos.
	21 Pericôtos.
	22 e alguns Macús dispersos.
IV RIO UARANACÚA....	1 Uaranacuacenas *
	2 Parauanas.
V RIO UARACÁ.....	1 Quináanas *
VI RIO UERERÉ.....	1 Carajahiz.
	2 Uariúnas *
VII RIO PADAUIRI.....	1 Omanaos.
	2 Uanaz.
	3 Uariunas.
VIII NOS RIACHOS ANTES DO MARAUIÁ.....	1 Manáos.
IX RIO MARAUIÁ.....	1 Curanáos *, (poderosos inimigos dos Manáos).
	2 Ujanas *
X RIO CAUABURIS.....	1 Demacuris.
	2 Madauacás e outros.
XI RIO MIUÁ.....	1 Demacuris *
XII NOS RIACHOS DA FRONTEIRA.....	1 Ariinis *
	2 Marapitáanas (hoje Marabitenas)

## RIOS DO SUL

I RIOS IAÚ E ANANI...	1 Antigamente os Caraiáis (que foram expulsos e destruídos pelos Murras)
II RIO CAUAURI.....	1 Cauauricenas * 2 Caraiáis *
III RIO UARIRÁ.....	1 Manáos (que occupavam uma e outra margem do Rio Negro e dos rios seus collateraes, até a ponta inferior da ilha de Timoni, fronteira á barra do Rio Xinará.)
IV RIO MARIÁ.....	1 Mepurís. 2 Macús.
V RIO CURICURIAÚ,...	1 Mepurís. 2 Macús. 3 Maiapénas. 1 Cojánas. 2 Uaupés. 3 Cuenacáns. 4 Arapassus. 5 Mucinoz. 6 Paicoenas. 7 Aráras. 8 Yauáras. 9 Banibas.
VI RIO UCAIARY (Uaupés)	10 Ucayaris. 11 Uauanás. 12 Cuduiaris. 13 Cequénas. 14 Cuereruis. 15 Cueuánas. 16 Burenaris. 17 Mamangas. 18 Paneunás. 19 Varios Macús dispersos.
VII RIO IÇANA.....	1 Banibas 2 Tumaiaris, 3 Turimaris. 4 Dicánas. 5 Puetónas 6 Uerequénas e outros.
IX RIO IXIÉ.....	1 Banibas. 2 Xapuenas. 3 Uerequénas. 4 Mendós e outros.

Infelizmente a maior parte dos indios aqui citados — ficaram unicamente com a simples citação; bem trez quartas partes desappareceram e hoje o viajante na Amazonia em vão indaga dos vestigios deixados por elles, como muito bem escreveu Martius uns 80 annos mais tarde na sua obra sobre a «Ethnographia da America». Como resulta de uma comparação com os titulos dos trabalhos ethnologicos de A. R. Ferreira, este explorador não travou relações com outras tribus senão com os Yurupixúnas, os Mauhés, os Curutús, os Uerequénas, os Muras, os Cambébas, os Catauixís e os Miranhas. Se se pensa na magnifica occasião que teve A. R. Ferreira de aprofundar mais as pesquisas sobre ethnographia e anthropologia amazonicas, ainda como contemporaneo de tantas tribus das quaes não se sabe absolutamente nada e das quaes nunca mais ha de se saber cousa alguma — quem não lastimará tamanha lacuna e quem não se sentirá entristecido pela estrudula complicação de deveres imposta ao nosso viajante, que perdeu seu tempo em verificar o estado dos pannos de linho dos altares, o numero das campainhas existentes, a importancia da divida dos colonos com a fazenda real e a categoria civil e militar das que em cada embarcação entravam nos portos de Barcellos e do Pará?

---

Passo a reproduzir a lista dada por A. R. Ferreira «dos animaes que fazem objecto das caçadas e das pescarias dos indios»<sup>1</sup>:

## MAMMALIA

		<i>Diurnos</i> .....	Macacos	
		1 Guariba..	{ pexuna guarijuba	
		2 Coatá.		
		3 Cochiú.		
		4 Itapuá .....	De prego	
		5 Caiarára		
I PRIMATES.....	}	6 Parauacu <sup>2</sup> .		
(Macaca)		7 Maricaunçú.....	Barrigudo	
		8 Guayapessá.		
		9 Xaguim..	{ tinga pexuna	
			<i>Nocturnos</i> :	
			1 Hiá.	
			2 Jupará <sup>3</sup>	
			<hr/>	
			1 Juaraná.....	Peixe-boi
		{ ordinario dito de manteiga		
		2 Ay.....	Preguiça	
		{ a) Guaçu b) Merim c) Tatá		
II BRUTA.....	}	3 Tamanduá :		
		{ a) Guaçu, de ban- deira na cauda		
		{ b) ordinario sem ella		
		{ c) Tamanduahy		

<sup>1</sup> Capitulo xxvii, artigo 5 «Revista Trimensal» de 1883, (pag. 94—102). Occasionalmente pretendo occupar-me mais detalhadamente d'esta lista, procurando, onde for possível, dar uma interpretação dos synonymos scientificos.— (Dr. E. A. G.)

<sup>2</sup> Evidentemente deve ser Parauacu; o n será erro typographico.— (Dr. E. A. G.)

<sup>3</sup> Cercoleptes caudivolvulus — um Ursideo.— (Dr. E. A. G.)

II BRUTA.....	4 Tatú..	<ul style="list-style-type: none"> <li>a) Guaçu</li> <li>b) Tinga</li> <li>c) Peba</li> <li>d) Bola</li> <li>e) Tatuy</li> </ul>
III FERAЕ.....	1 Jaguarité.....	} Onça
	2 Sussuarana.....	
	3 Coati:	
	a) Mondé }	
	b) Merim }	
	4 Irará.....	Papa-mel
	5 Mucura:	
	a) Guaçu }	
	b) Xixica }	
IV GLIRES.....	1 Coandú.....	Ouriço
	2 Uairu.....	Ratos
	a) terrestre }	
	b) aquatico }	
	3 Cutia:	
	a) Piranga	
	b) Pexuna	
	c) Acutuiaya	
	4 Paca	
	5 Saiuí:	
a) Guaçu		
b) Merim		
c) Santina		
	6 Acutipurú.....	{ Rato de pal- meira
	a) Pirangauaçú	
	b) Pirangamirim	
	c) Pexuna	
V PECORA.....	1 Suapú.....	Veado
	a) apara... }	
	b) tinga... }	
	c) anhangã. }	
	d) caapora.. }	
VI BELLVAE.....	1 Taiaçú.....	Porco
	a) Uiaia	
	b) Caapora.....	{ De queixada branca
	c) Taítitú.....	Sem ella

(Nota-bene: Que a cabra (suapumé), a ovelha e o boi (tapira) são mammas exóticos, assim como o são o porco domestico, o cavallo, e o cão, etc.)



- VI BELLUAE ..... {
- 2 Tapira-cauara..... Anta  
[tapireté]  
a) cariacu [só diffe-  
re em ser me-  
nor]
  - 3 Capiuara..... Capiuara

## AVES

## Papagaios

- I PICAIE..... {
- 1 Arára  
a) vermelha  
b) toda azul  
c) azul e amarella
  - 2 Paraua :  
a) real  
b) moleiro  
c) curica  
d) granadeiro  
e) de campina
  - 3 Parauay :  
a) curica  
b) roxo  
c) amarello  
d) verde com o papo  
amarello  
e) tui verde com a  
cabeça amarella
  - 4 Maracanan :  
a) azul  
b) verde  
c) amarella
  - 5 Anacan :  
a) todo pardo  
b) azul-verde, com a  
cabeça roxa  
c) verde, com ella  
parda
  - 6 Periquito :  
a) amarello  
b) verde  
c) verde e amarello  
d) verde com a ca-  
beça alaranjada  
e) verde, com ella  
roxa

	7	Tocana . . . . .	Tocano
I PICAÆ . . . . .	8	Araçary {	de papo branco
		<b>b)</b> agemado	
	9	Japu :	
		<b>a)</b> preto e amarello	
		<b>b)</b> todo amarello	
	1	Ipêca . . . . .	Pato
		<b>a)</b> domestico	
		<b>b)</b> silvestre {	uaçu . } mirim }
	2	Ipequi	
	3	Irerê	
	4	Potiri-uaçu . . . . .	Marrecção
		<b>a)</b> liso . . . . . }	}
		<b>b)</b> penteado. }	
II ANSERES . . . . .	5	Potiri-mirim . . . . .	Marreca
		<b>a)</b> Pay	
		<b>b)</b> Petuma	
		<b>c)</b> Uananá	
		<b>d)</b> Uananay	
	6	Carará :	
		<b>a)</b> Guaçú	
		<b>b)</b> Carara-y	
	7	Miuá . . . . .	Mergulhão
	1	Jaburú	
	2	Tujujú	
	3	Magoari	
	4	Uaçará . . . . .	Garça
		<b>a)</b> uaçú (real)	
		<b>b)</b> uaçary	
		<b>c)</b> fusca	
	5	Curicáca	
	6	Caracará	
		<b>a)</b> uaçú	
	7	Corocoró	
	8	Carão	
III GRALLÆ . . . . .	9	Socó :	
		<b>a)</b> pinima	
		<b>b)</b> uaçú	
		<b>c)</b> socoy	
	10	Guará	
		<b>a)</b> una	
	11	Ayayá . . . . .	Colhereira
	12	Antirantim . . . . .	Gaivota
		<b>a)</b> uaçú	
		<b>b)</b> mirim	
		<b>c)</b> y	

- 13 Jareuá ..... Corta agua
- 14 Caripirá
- 15 Arapapa :  
 { a) branco  
 { b) pardo
- 16 Massarico :  
 { a) real  
 { b) mirim
- 17 Maguari :  
 { a) uacú  
 { b) mirim
- III GRALLAE ..... 18 Guarirama :  
 { a) uaçu  
 { b) mirim  
 { c) penima
- 19 Pepessoca
- 20 Jacamin :  
 { a) preto  
 { b) cinzento
- 21 Saracura da matta :  
 { a) grande  
 { b) pequena  
 Saracura da campina :  
 c) toda pintada
- 22 Içaçanan
- IV GALLINAE ..... 1 Mitu ..... Mutum
- 2 Pexuna :  
 { a) com o ventre  
 branco  
 { b) com elle casta-  
 nho
- 3 Penima
- 4 Anhanga
- 5 Urú
- 6 Jacú :  
 a) reté. }  
 b) peba. }
- (N. B. Que os perús e as gallinhas (sapu-  
 caias) são aves exóticas.)
- 7 Aracuan
- 8 Inambu :  
 { a) torón  
 { b) macucáua  
 { c) peba  
 { d) cuiá  
 { e) sururina  
 { f) penima  
 { g) corcovado

V PASSERES.....	1 Picaçu.....	Pomba (Trocal)
	a) guaçu	
	b) retê	
	c) iróa	
	d) Juruty	
	2 Unambé 1 :	
	a) Cuiucuíu	
	b) azul	
	c) cinzento e branco	
	d) amarello	
	3 Guirauna .....	{ Melro do Brazil
	4 Jaçana	
	5 Juaná 2.....	Gallo da Serra

(N. B. Que os índios pela ocasião da fome tudo comem até os corvos. Porém aqui só se faz menção da caça ordinaria entre elles.)

## AMPHIBIA

I REPTILIA.....	1 Jurará.....	Tartaruga
	a) Uaçú	
	b) Acangaussú	
	c) Petiu	
	d) Uirapiquiz	
	e) Tracajá	
	f) Matamatá	
	2 Jabotim.....	Cagados
	a) tinga	
	b) piranga	
	c) carumbé	
	d) aparéma	
	e) juruparige	
	3 Teiu.....	Lagartos
	4 Jacaré:	
	a) uaçu	
	b) tinga	
	c) curubarána	

1 Com esta designação ainda se conhecem hoje no Pará as diversas especies de *Cotinga*.—(Dr. E. A. G.)

2 É interessante que A. R. Ferreira chegou a observar a bella *Rupicola crocea*. Com os « corvos », de que falla na nota junto, naturalmente não se entende outra cousa senão os « Urubús ».—(Dr. E. A. G.)

I REPTILIA .....	}	5 Iguana	
		6 Gacuruarú	
		7 Cucuruaru	
		8 Arú	
		9 Jué	
II SERPENTES .....	}	Terrestres :	Cobras
		1 Giboia	
		Aquáticas :	
(Boia)	}	2 Surucuju	
III NANTES .....		}	1 Guaçu .....
	2 Tatá		
	3 Narinari		
	(Janira)		4 Jurapari

## PISCES

I LACUSTRES.....	}	1 Mussu
		2 Tamatuá
		3 Puraquê
		4 Jandiá
		a) merim
		5 Jacundá :
		a) Piranga
		b) Penima
		c) Curuba
		6 Taraira
		7 Geju
		a) Reté
8 Uaracapuri		
9 Acará :		
a) araruá		
b) puá		
c) tuápuá		
10 Uacari :		
a) merim		
b) penima		
11 Itubi		
12 Sarapó		
II FLUVIATILES .....	}	A) <i>Maiores</i> :
		1 Pirauiba
		2 Piraraucú
		3 Dourado
		4 Jandianaçú

- 5 Pirará
- 6 Pirapiinana
- 7 Surubim
- 8 Pirainambu
- 9 Piramutaba
- 10 Tucunaré :
  - a) guaçu
  - b) puitanga
  - c) paca
  - d) penima
- 11 Pirapetinga
- 12 Tambaqui
- 13 Uaçu
- 14 Cuiucuiú
- 15 Arauaná
- 16 Pirapuctá
- 17 Jatauarana
- 18 Uatucupá..... Pescada

B) *Menores* :

## II FLUVIATILES.....

- 19 Anujá
- 20 Mandubé
- 21 Mapará
- 22 Pacú :
  - a) tinga
  - b) pexuna
  - c) piranga
  - d) puitanga
- 23 Piranha :
  - a) tinga
  - b) pexuna
  - c) piranga
  - d) merim
- 24 Apapá
- 25 Jeraque
- 26 Uaracu
  - a) tinga
  - b) penima
- 27 Parácatimbau
- 28 Araripirá
- 29 Pirá-catinga
- 30 Pirá-tipioca
- 31 Pirá-andirá
- 32 Pirá-antan
- 33 Matupiri
- 34 Mandiy
- 35 Tarauira

II FLUVIATILES.....	{	36 Acará :
		a) tinga
		b) piranga
		37 Arauiri
		38 Curimatan
		39 Caranatay

## INSECTA

I HYMENOPTERA...	{	1 Taxiúá..... Formigas
		a) sauba
		b) mandiuára
II APTERA.....	{	1 Ussá..... Caranguejos
		a) Uaracairú
		b) Uararú

## VERMES

I TESTACEI.....	{	1 Itan
		2 Urná

A precedente lista provoca a critica e censura de um naturalista moderno em mais de um respeito. Ha erros e irregularidades provenientes do autor. Se A. R. Ferreira classifica por exemplo o Jupará (*Cercoleptes caudivolvulus*) entre os macacos nocturnos e desconheceu assim um verdadeiro Ursideo, da familia dos Carniceiros, ou como o autor os intitula, das «Ferae», constitue isto simplesmente um lapsus, para o qual não ha desculpa. A mesma cousa acontece em relação a «Capivara» (*Hydrochaerus capibara*) que elle colloca entre os Pachydermes, no meio dos porcos, seduzido pela grosseira

semelhança exterior d'este grande roedor, que elle devia ter posto entre os seus « Glires ». E assim por diante: a lista dos mammiferos, das aves, dos peixes ainda daria muito que observar, especialmente para quem sabe, que o autor viajava com o « Systema Naturae » de Linneo na mão (como elle dá diversas vezes a entender). Tambem as « Planches enluminées » sobre as aves, de Buffon (1770—1786), já tinha sahido n'aquelle tempo, obra ornithologica volumosa, que o autor poderia ter consultado com bastante proveito, visto que traz passaros da Guyana franceza. Tivesse elle escripto menos officios e se familiarizado mais com a obra do creador da nomenclatura binaria, que ainda hoje é constantemente consultado tanto pelo botanico, como pelo zoologista, a enumeração teria sahido mais correcta. Do outro lado ha imperfeições que evidentemente correm por conta do impressor da « Revista Trimensal » e não são poucas. Não posso acreditar por exemplo, que A. R. Ferreira tivesse, no seu original, commettido tal confusão e mistura na coordenação dos nomes, como se encontra na copia impressa pelo « Instituto Historico ». Estou convencido, que o nosso viajante quiz dar na primeira columna as ordens e familias, com os seus nomes scientificos, segundo Linneo, na segunda (do meio) um agrupamento, mais ou menos natural correspondendo aos generos e especies, em tupí ou lingua geral (visto que não ousava tentar a classificação scientifica conforme o seu guia) e na terceira elle quiz dar os synonymos portuguezes, onde elle os conhecia. Ou, na copia sahiu tudo misturado, e quem



não é naturalista não reconhecerá tão facilmente o que pertence á primeira columna e o que faz parte da segunda. Rectifiquei a lista, sobre a minha responsabilidade, cabendo-me ella tambem quanto á numeração que introduzi para facilitar a synopse.

E assim mesmo a mencionada lista constitue cousa util ainda hoje na mão do naturalista e bons serviços presta quanto á orthographia e pronuncia dos nomes tupís para numerosos animaes amazonicos.

No «supplemento á participação geral do Rio Negro » A. R. Ferreira deu tambem um capitulo sobre o que hoje se chama «botanica economica», passando em revista a maniva, o arroz, o milho, o feijão, o café, o cacáo, a canna, o tabaco, o algodão, o anil, o urucú, as hortaliças, as raizes comestiveis, as fructas mansas e sylvestres e n'um appendice, tendo por autor o pharmaceutico Antonio Joseph de Araujo Braga, encontramos curiosos dados sobre a pharmacopéa em voga n'aquelles tempos (pag. 134—166).

1 «Revista Trimensal» 1888, pag. 111 seq.





## CAPITULO V

### Outros fragmentos

**D**IGNO de leitura é tambem o capitulo XXVI, intitulado «Clima», onde A. R. Ferreira dá uma resenha interessante dos phenomenos meteorologicos, ligando a ella uma judiciosa apreciação sobre a inconveniente architectura que os habitantes da Amazonia costumam observar. «Todo o anno, diz elle, se divide em duas estações, que são o verão e o inverno: este consiste em chuvas abundantissimas, aquelle em calores excessivos: em um só dia se experimentam ambas ellas sem raridade. Geralmente as manhãs, e as tardes depois do sol posto são frias como as noites e os orvalhos abundantissimos: o resto do dia é ardente; d'onde se vê, que um semelhante paiz deve ser extremamente humido, não só pelas chuvas de seis em seis mezes continuos em cada anno, mas tambem por ser todo elle cortado de infinitos rios, em cujas boccas e margens

estão situadas as povoações. Os calores depois das nove horas da manhã, até ás quatro da tarde são insuportaveis, de maneira que se não póde sahir fóra de casa. Com esta alternativa de calor e de humidade se gera na atmospherá uma tal podridão, que os vestidos e os papeis fechados apodrecem; os metaes se enferrujam; os couros se cobrem de bolor, esgretam e se arruinam; o vinho, por pouco tempo que o deixem exposto ao ar, se derranca e se avinagra; a polvora, o sabão, o sal e todas as mais esponjas da humidade a attraem e se desfazem e tudo padece alteração.— Ordinariamente o calor mais sensível do que costuma ser, annuncia as trovoadas: emquanto pendem as nuvens sem se desatarem em agua, fica tão abafada a atmospherá, que mal se póde supportar no corpo a mesma camisa: então as primeiras pingas d'agua que cahem são grossas; a terra entra a evaporar de si, um cheiro terreo, e embebe, ou conserva mais ou menos tempo a agua, segundo a sua qualidade e posição. De repente refresca a atmospherá, e ás vezes tanto que é preciso cobrir-se a gente mais do que o ordinario; de sorte que nada é tão perigoso como esta subita transição de um para outro estado. Porque com o excessivo calor que precede as trovoadas, estão rarefeitos os corpos e promovida n'elles uma copiosa transpiração; o vento humido que as accompanha, encontrando-os mal cobertos, os constipa e occasiona n'elles as constipações, os defluxões e as hemicranias, etc. Bem poucos são os novilunios que não são aquosos e por conseguinte defluxionarios, particularmente quando vêm acompanhados de frios

irregulares.—Mal se poderia viver pelos mezes de verão, se não fossem os ventos geraes, que reinam desde os fins de Agosto até os de Dezembro.»

E mais adiante A. R. Ferreira levanta vehe-  
mente accusação contra os engenheiros e medicos da commissão de demarcação entre os dominios portuguezes e hespanhoes, porque não trataram de ensinar ao povo uma architectura mais hygienica e mais apropriada ás circumstancias na Amazonia. «Sendo a terra tão humida, como é, vê-se bem quão pequeno é o cuidado, que a estes povos merece a conservação da sua saude; porque em vez de levantarem da terra os pavimentos dos edificios e tratarem de dissipar d'elles a humidade que os persegue, rasgando nas paredes exteriores das casas um sufficiente numero de portas e janellas que as arejem, e dando-lhes em justa proporção o pé direito que lhes compete, pelo contrario as fazem baixas e rente com a terra, ajudando a encarcerar mais o ar as chamadas gurupemas de um tecido de palha demasiadamente miudo, que servem de catavento, não sei si diga que ás vigias e frestas da casa, se ás janellas que se praticam. Por outra parte não sei o que em semelhante artigo emendaram ou innovaram os engenheiros da demarcação passada, porque, tendo elles sido consultados para as fundações das nossas povoações e tendo com effeito dado algumas plantas para casas e edificios, dever-se-ia esperar d'elles, não menos do que a applicação e concordia dos principios da medicina politica com os da architectura civil e militar. Porém para qualquer parte que se lance a

vista não se descobre um só indício, que mostre, que semelhantes architectos fizessem caso algum da physica geral na pratica das suas artes».

O que A. R. Ferreira escreve ácerca dos phenomenos magneticos e meteorologicos observados n'aquellas regiões é muito pouco e deixa-se resumir em algumas linhas. Refere elle que em 1780 os astrónomos Joseph Simões de Carvalho e J. J. Victorio da Costa observaram em Barcellos a seguinte declinação da agulha magnetica:

6,  $\frac{05}{8}$  NE, ao passo que o astrónomo F. J. de Lacerda Almeida, em 1781, tinha feito as seguintes annotações:

Barcellos 7° 19' (NE).

Lamalonga 8° 30'.

São Gabriel 13° 00'.—Communica outrosim que de ordinario, em todo o anno, a temperatura ás 6 horas da manhã é de 20° <sup>1</sup>, ás 9 horas da manhã 22° e ás 12 horas da manhã 24°. «Nos dias de maiores trovoadas antes d'ella sobe o mercurio até 25°. Passada ella torna ao seu estado commum em todo anno, segundo a hora a que se sobrevem. Porém ainda se não viu descer para baixo de 19° até 18  $\frac{1}{2}$ °». A. R. Ferreira refere então alguns casos notaveis de vehementes descargas electricas, que elle pôde observar de perto (Monte-Alegre, Novembro 1784; São Gabriel, 17 de Outubro de 1785; Barcellos, 24 de Março de 1787), observou a luz zodiacal no dia 27 de Junho de 1785, ás 8 horas da noite (em Barcel-

<sup>1</sup> Naturalmente deve-se entender estas indicações como relativas ao thermometro de Réaumur,—o mais antigo.

los) e no dia 25 de Julho de 1787 presenciou um meteóro na mesma localidade («Revista Trimestral» 1888, pag. 75).

A respeito da tartaruga, que o autor chama de «vacca quotidiana das mezas portuguezas» encontramos no mesmo capitulo os seguintes dados:

De 2.896 tartarugas que entraram no anno de 1785 para o curral da capitania, morreram 1.600, que se não aproveitaram. No de 1784 entraram 2.710 e morreram 1.217. No de 1783 entraram 2.892 e morreram 833. Em uma palavra, das 53.468 tartarugas, que desde o anno de 1780 até o de 1.785 entraram em ambos os curraes da demarcação e da capitania, aproveitaram-se tão sómente 36.007 e morreram 17.461». Para o sustento da tropa pagava-se então cada tartaruga grande ao preço de 160 réis e as pequenas a 100 réis.









## CAPITULO VI

O que eu penso ácerca da molestia de que sofreu Alexandre Rodrigues Ferreira nos seus ultimos annos de vida.

**C**ONTAM os biographos seus patricios, que A. R. Ferreira depois da sua volta do Brazil, poz-se com todo o zelo na elaboração do grande material colligido, mas que não tardou em ser atacado por molestia singular, que uns não sabem qualificar de todo, que outros chamam de «profunda melancholia» —, mas que nem uns nem outros sabem definir e explicar. Um d'elles refere por exemplo que o nosso naturalista «declarava a sua opinião com franqueza tão desembaraçada e decisiva, que não deixaria por vezes de tomar parecenças de grosseira e aspera censura; como succedeu quando uma Pessoa tão respeitavel pela ordem da Nobreza, e alto emprego, como pela encyclopedia de seus conhecimentos, fallando-lhe na tentativa de climatizar o chá em nossas terras, seccamente respondeu: «Não temos pão, e tratamos de chá!» Acham elles

que o naturalista não tinha razão de se julgar infeliz e não comprehendem absolutamente «como o seu dissabor hia sempre em crescimento», apesar das repetidas graças do Soberano. E se o seu panygyrico conclue uma longa e assaz mysteriosa meditação sobre aquelle estado morbido e suas causas, com o trecho: «Existe uma especie de turpor, e insensibilidade para tudo o que é consolação; o fogo de uma mania taciturna e silenciosa e por isso mais afflictiva, vai lavrando, priva e embarga todo o allivio e só acha termo na consumpção da victima de que se apoderára», quasi sôa isto como uma invectiva contra o character, uma supposição de ambição illudida e prova cabalmente que os seus contemporaneos e patricios nunca descobriram a chave para a explicação da verdadeira causa dos soffrimentos e da morte de A. R. Ferreira.

Que a molestia era de ordem psychica, não ha duvida alguma, mas quanto ás suas causas efficientes direi que não concordo absolutamente com a opinião dos seus biographos. Aquella opinião avilta a estatura moral do homem—ella acha-se em desaccordo com a vida anterior do nosso protogonista, seu genio e character como elles se revelam harmoniosamente por todos os seus escriptos, e não hesito em chamal-a simplesmente de mesquinha, obesa e totalmente erronea. Para explicar-se os soffrimentos que azedaram os ultimos 20 annos da existencia de A. R. Ferreira não é preciso recorrer-se a «uma desordem das faculdades intellectuaes». Elles eram, pelo contrario, um acontecimento e uma consequencia por assim dizer mathematica-

mente necessarios na vida de um ente com uma psyche perfeitamente equilibrada, e se houve alienação mental, d'ella o Portugal inteiro d'aquelle tempo soffreu de certo incomparavelmente mais do que A. R. Ferreira.

Quando A. R. Ferreira voltou em 1793 já não encontrou o paiz em boas condições. Os ultimos annos do reinado de D. Maria, são uma prova, que aquella doença que se tem procurado transferir para a cabeça do nosso naturalista, lastrava antes na propria côrte. Que esta côrte achava-se profundamente estragada, confessam os proprios historiadores portuguezes e tenho uma resenha d'aquelle tempo diante de mim, onde corajosamente se indica «a geral immoralidade» como feitiço predominante d'aquelle sociedade. A podridão que cada vez mais lastrava dentro da propria casa não podia deixar de ser acompanhada por uma incrível fraqueza na politica extrema: não tardou em apresentar-se para Portugal a necessidade imperiosa, de comprar, mediante pesada contribuição annual de alguns milhões de cruzados, uma especie de paz do directorio da primeira republica franceza. Alexandre Rodrigues Ferreira pediu subsidios para a publicação da sua viagem philosophica, mas infructuosamente. Se suas justas reclamações não foram attendidas, contribuíram para isto, ao que parece, não só o estado pouco lisongeiro das finanças portuguezes, mas ainda «não pequenos estorvos, que lhe procuraram esses genios escuros, que fazendo mui pouco, não querem que os outros exercitem a sua appli-

cação»<sup>1</sup>. Ignorancia e malicia sempre foram irmãs gémeas e assim vemos que a intriga metteu-se a campo, nas rodas da côrte real, para cruzar os projectos e esperanças litterarias de A. R. Ferreira. Decorreu um anno depois do outro, peiorando cada vez mais a situação de Portugal e diminuindo tambem proporcionalmente toda e qualquer probabilidade de animação para as letras, as sciencias e as artes. Veiu o fim do seculo, principiou o novo apresentando-se em Lisboa com um aspecto pouco differente do que apprehendemos na historia antiga ácerca da côrte de Sardanapalo. Bonaparte, não satisfeito com a dura contribuição que Portugal continuava a pagar, mandava um dos seus mais afamados «sabreurs» – o marechal de Lannes para lá, com a missão evidente de humilhar a Lusitania e a sua casa reinante. É sabido como este brutal soldado forçava audiencias a seu bel prazer, apresentando-se no paço com a pergunta stereotypica: «*Est-ce que Monsieur du Brésil est à la maison?*» É igualmente historico como D. João VI, então principe regente, abaixava-se ao papel de bola de jogo entre a politica ingleza e franceza, cahindo de ambiguidade em ambiguidade, ouvindo com um ouvido as insufflações oriundas da côrte de St. James e com outro ouvindo as inspirações, sempre ameaçadoras, que lhe eram administradas de Paris, chegando a praticar, na occasião do bloqueio continental ditado por Napoleão, aquella incrível fraqueza de pedir á Inglaterra que lhe fizesse uma guerra

<sup>1</sup> Costa e Sá, pag. 75.

só «para inguez ver», para que o implacavel dictador não desconfiasse.

Imagine-se como A. R. Ferreira, patriota como elle era, não devia se indignar de tantas desgraças que desabaram sobre o pobre Portugal, devidas— creio que não haverá outra explicação— certamente na sua maior parte á tibieza do seu soberano e á ineptia dos seus conselheiros. É facil de comprehender tambem, que o nosso viajante achava-se n'uma posição esquerda e que não podia ser bem visto do partido francez,—elle que tão violentamente tinha atacado as pretensões francezas relativamente á extensão dos dominios portuguezes e francezes na America do Sul, elle que tinha escripto, que era preferivel abandonar-se o Portugal inteiro do que ceder um palmo de terra na Guyana Brasileira.

Durante o periodo de 1801 até 1807, seis longos annos, A. R. Ferreira estava assim paralyzado em activar a publicação das suas obras e se, depois de muito pedir e com muito custo, se lhe cedeu um gravador, sobreveio do outro lado logo tambem a fuga de D. João VI para a Brazil, como consequencia necessaria da sua ambigua politica. Perto de 15.000 homens acompanharam o rei e sua côrte n'aquella precipitada retirada (27 de Novembro de 1807) na vespera da segunda invasão franceza e estando o terrivel Junot já em Abrantes, quasi em frente de Lisboa, a 22 legoas só de distancia. A côrte levou comsigo uns 80 milhões de cruzados, ficando no erario de Portugal só 10.000 cruzados, além de não poucas dividas.

Apresenta-se-nos a pergunta, porque A. R. Ferreira não fez como o rei, e toda a fidalguia,— elle que era brasileiro nato— embarcando tambem n'aquelle memoravel momento? Que ia fazer o Administrador do Real Museu e das Reaes Quintas de Lisboa, na capital abandonada pelo Governo e tudo que lhe estava ligado, e entregue ás bayonetas francezas?

A circumstancia, que existe um decreto, datado de 24 de Junho de 1807 fazendo a A. R. Ferreira a graça da concessão de um officio na alfandega do Maranhão, quasi poderia parecer como uma tentativa n'este sentido, como o resultado de um seu pedido. Duvido porém fortemente que tal interpretação corresponda á verdade. Considero a mencionada nomeação antes como uma especie de pagamento á conta para não dizer cruamente «um osso», com que a côrte portugueza pretendia afastar os insistentes empenhos de Ferreira em obter a publicação de suas obras e os recursos necessarios inherentes a semelhante empreza. Desconfio bastante, que queria se lhe fazer uma graça, não querendo attender ao seu pedido e simulando não entender. Tal procedimento não seria unico no seu genero e ninguem me dirá que semelhante procedimento não era perfeitamente compativel com a pouca altura moral observada pela diplomacia portugueza d'aquelle tempo. Para alguem poder-se indignar da minha supposição, seria preciso apagar primeiramente a historia toda de Portugal relativa ao fim do seculo passado e do principio do actual.

Facto é que D. Joao VI fugiu com sua familia,

com a sua côrte, seus conselheiros e tudo mais que de «real» havia, aconselhando seus subditos em manifesto que deixou, a receber bem e como amigos os francezes, que não tardavam a realisar a sua entrada em Lisboa, precedidos pelo general Junot, e a inundar o paiz inteiro qual turma de gafanhotos. Da «liberté, fraternité e égalité» com que os soldados francezes tinham de felicitar a Europa, todo o mundo sabe, que não era lição gratuita. Eu mesmo ouvi muitas vezes contar a minha avó, como as tropas do general Massena, quando apertadas pelas hordas russas debaixo do commando de Suwaroff, se comportaram na Suissa e a historia registrou bastantes casos, onde os generaes francezes esvasiaram as caixas dos governos e particulares, pilharam museus e bibliothecas, conventos e igrejas, arsenaes, levando para Paris o que de notavel havia em toda a parte. Procure embora o Sr. Thiers ridicularisar os paizes roubados, querendo fazer crêr que se lhe fazia um beneficio, aliviando-os dos seus bolsos—ladroeira ficará para sempre!

Reflectindo sobre as razões, que induziram A. R. Ferreira a permanecer em Portugal, á testa das repartições que lhe eram confiadas, como um timoneiro que não quer abandonar a sua embarcação em risco, não podemos achar outras, senão o amor pelas importantes collecções por elle recolhidas no Brazil e a resolução de não desamparar os resultados da epocha mais brilhante da sua vida. Salval-as e abrigal-as depressa, em lugar seguro, certamente elle não o podia; publicado nada

estava ainda e assim elle esperou com resignação a tempestade mais tremenda que ia desencadear-se sobre o já tão victimado Portugal.

Junot não descuidou da pilhagem acostumada e acima alludida. Lisboa tinha de entregar o que de notavel ainda havia e o que sua Magestade Fidelissima tinha esquecido de incluir na sua bagagem. Os historiadores portuguezes citam muita cousa a este respeito <sup>1</sup>, mas não poderam achar dados especiaes sobre a extensão e a gravidade, do que soffreram o Museu e os Estabelecimentos scientificos durante aquelles dias afflictivos. Provado porém está, que muitos objectos de maior e menor valor fizeram n'aquelles annos, sua apparição em Paris e que estes objectos, que iam ornar os Museus da capital franceza, eram pennas alheias arrancadas á força aos povos subjugados. Sylvio Romero <sup>2</sup> refere que as estampas de Velloso sobre a «Flora fluminense» foram roubadas em Lisboa e aproveitadas indignamente por St. Hilaire e De Candolle e se o mesmo autor communica, que foi o proprio Geoffroy St. Hilaire, quem no dia 29 de Agosto de 1808, em pessoa se apresentou em Lisboa, com a respectiva ordem do Duque de Abrantes, levando tudo comsigo na mesma sege em que veio — comprehende-se, que a França não tinha enviado o menos apto para executar

<sup>1</sup> «Historia de Portugal nos seculos XVIII e XIX», Vol. II, pag. 236.

<sup>2</sup> A historia do Brazil, ensinada pela biographia de seus heroes; pag. 65.



semelhante sequestro scientifico. Geoffroy St. Hilaire certamente não levou muito tempo para reflectir quaes as pennas que convinha arrancar ao pobre Portugal e o discernimento d'aquelles objectos que valia a pena retirar do Museu, etc., nós sabemos que elle o possuia. É fóra de duvida, que o modesto naturalista do povo subjugado tinha uma posição excessivamente critica no inevitavel encontro pessoal com o petulante naturalista do povo vencedor e o companheiro de Bonaparte para o Egypto! Se A. R. Ferreira tivesse então conseguido conservar intactas e invioladas as suas grandes collecções e o vasto material litterario relativamente á expedição na Amazonia, teria sido simplesmente um milagre. Ha porém indicios bastante significativos, que as primeiras, pelo menos, não escaparam ás garras de Junot; consta, por exemplo, que o exemplar do lobo brasileiro (*Chrysocyon jubatus*), descripto por Desmarest em 1820 como novidade (ao passo que já se achava figurado no atlas de A. R. Ferreira, mais de 30 annos antes) tinha vindo do Museu de Lisboa n'aquelle tempo, junto com muitos outros curiosos objectos. E não teriam levado talvez aquellas estampas de A. R. Ferreira, das quaes acima fallamos, identico fim com o das estampas de Velloso?

E agora digam-me, se não havia motivo para A. R. Ferreira cahir em «acerba melancholia»? A intensidade dos seus soffrimentos será perfectamente comprehensivel e apreciavel para quem tem a minima experiencia litteraria. Era para mais, e se elle tivesse ficado louco devéras, não seria muito

para estranhar. Elle viu a sua patria dilacerada e ensanguentada por uma guerra sem fim, o paiz governado por uma côrte fraca, inepta e ignorante, viu chegar uma velhice triste, sem perspectiva de realisação dos seus ideaes e projectos, como fim odeiado de uma existencia totalmente «manquée», e quem sabe, se aquelle espirito prophético, que ás vezes é notado nos moribundos, de uma organisação psychica mais delicada, não o fazia presentir, prevêr a gloriosa pleiade de naturalistas bem preparados, que ia já se metendo em caminho para explorar minuciosamente a fauna e flora d'aquellas regiões, onde elle tinha vagado durante 9 annos? Já o illustre Alexandre von Humboldt tinha (1799-1804) realisado a sua expedição, por todos os tempos notaveis, para a America Equinoccial e Ferreira deve ter ouvido d'isto. E do outro lado, tambem já o principe Maximilian zu Wied, Spix, Martius e Natterer achavam-se, por assim dizer, com as suas malas promptas para o Brazil, encetando lá grandiosa concurrencia scientifica.

A. R. Ferreira morreu na idade de 59 annos não alcançando mais com vida o restabelecimento completo da ordem e os beneficios da paz em Portugal,—a terra pela qual elle se sacrificou litteralmente como martyr da sciencia.





## CAPITULO VII

Apreciação de Alexandre Rodrigues Ferreira como  
escriptor, geographo, ethnographo, naturalista  
e economista.

**Q**UEM se occupar com o estudo dos numerosos  
manuscriptos de A. R. Ferreira, não póde  
deixar de admirar a paciencia depositada na re-  
dacção e coordenação de tanto material, e so-  
bretudo a minuciosidade com que elle trata todo  
e qualquer assumpto administrativo, por mais insigni-  
ficante e secundario que elle fosse. Nos capitulos  
anteriores já eu tive ensejo de allegar a esta par-  
ticularidade, que chega a attingir ás vezes um gráo  
incrível. Ha paginas e partes inteiras onde a ver-  
bosidade cança e onde as paraphrases e minuden-  
cias se accumulam de modo incommodativo. Se-  
remos, porém, justos em reconhecer, que isto era  
a moda d'aquelle tempo e que raros são os escrip-  
tores de então, que tratavam de dar ao seu estylo  
uma fôrma concisa, condensada, como é felizmente  
a tendencia litteraria actual, mormente no terreno

das sciencias. Elle não fez bastante em facilitar a synopse sobre materias tão heterogeneas, mas, d'este defeito, digno de severa censura, ainda hoje se resentem a maioria dos livros publicados em Portugal e no Brazil: obra, em lingua portugueza, com bons indices e registro capaz, constitue até esta hora — «raras avis».

Como informador official, como funcionario publico A. R. Ferreira era inexcedivel. O lado da economia social está sempre posto no primeiro plano; evidentemente elle considerou-o como o assumpto mais importante na sua missão. A elle, Ferreira dispensou um cuidado extraordinario; elle o fez gastar o tempo precioso na redacção e copia de officios, relatorios, participações, etc. Não fiz o calculo, mas estou certo que adicionando-se o total das paginas escriptas por elle sobre estas materias, primeiro no Pará, depois em Barcellos, no Forte de S. Joaquim do Rio Branco e dividindo-as pelo numero dos dias passados n'estas localidades, daria uma quota diaria de trabalho puramente material de escripturação assaz consideravel — quota, pela qual se poderia arithmeticamente provar, que não sobrava mais que uma mesquinha parcella de tempo para aprofundar os estudos da natureza e para fazer pesquisas originaes. Tambem tenho a convicção que o qualificativo de «philosophica», que tinha officialmente esta expedição, deve ser entendido principalmente como synonymo de «economia social», interpretação que se depreheende não só do espirito da obra inteira, como especialmente dos numerosos trechos de A. R. Ferreira, que dis-

tinctamente o dão a entender. Ferreira sacrificou-se litteralmente por aquillo, que elle julgava ser seu principal e supremo mandato, e innegavel é que são dignos da admiração o zelo e a applicação desinteressada com que elle consumou resignadamente debaixo do sol equatorial e em condições locaes evidentemente não muito proprias, agarrado á escrivaninha, a dezena melhor da sua vida,—escravo de uma tarefa arida, material e ingrata <sup>1</sup>.

Era corajoso viajante e explorador, aguentando com serenidade de animo e com invejavel stoicismo todos os infortunios e as amarguras, que costumam apresentar-se n'estas emprezas. Aturou a inconstancia dos remeiros, enfrentou os multiplos perigos inherentes á navegação em rios encaichoeados, sol, chuva, tempestades e doenças. Dedicou-se com corpo e alma á geographia das regiões tão interessantes que elle visitou, fazendo criterioso discernimento entre aquillo que elle viu com os seus proprios olhos, d'aquillo que elle obteve informa-

<sup>1</sup> Não quero passar em silencio uma circumstancia assaz caracteristica. A. R. Ferreira era um homem bondoso, consciencioso christão e amigo da igreja—cousas que não impediam ser elle ao mesmo tempo um energico propagandista da escravidão. Sempre elle chama a attenção do Governo sobre a necessidade de desenvolver-se mais o trafico de escravos pretos da Africa para a Amazonia e secundava o conselho do Governador J. P. Caldas, «que a introducção annual da escravatura n'esta cidade não deve por ora nunca ser menos de 1.500 cabeças, para que, determinando-se 500 ou 600 para a capitania de Matto-Grosso possam n'esta ficar as mais e abastarem-se assim de operarios estes moradores». (Diario, Cap. XXI. População. «Revista Trimensal» 1888, pag. 39).

ções. É para lastimar porém, que não existam, que eu saiba, mappas topographicos por elle levantados; não sei, se elle deixou de fazel-os, ou se se perderam, mas é incontestavel que esta lacuna reduz sensivelmente o valor dos «Diarios».

Quanto á ethnographia não poderei fazer os mesmos encomios. Não que A. R. Ferreira tivesse deixado de occupar-se d'elle, pelo contrario. Mas a leitura d'aquillo que elle escreveu sobre este ramo de sciencias sempre me deixa a impressão que elle não aprofundou os seus estudos sobre os indigenas tanto como a actualidade desejaria. Em apoio do que aqui deixo dito, menciono que nem o lado linguistico, nem o terreno tão interessante dos costumes intimos, mereceram nas diversas memorias do autor a extensão necessaria, segundo as nossas vistas modernas. Não vejo um vocabulario, nem em parte alguma qualquer tentativa de um agrupamento dos aborigenes, de filiação, baseada em semelhanças e differenças linguisticas e ethnicas. Fica problematico para mim, se elle pretendia reservar-se para mais tarde externar a sua opinião a este respeito em obra que não chegou a ser escripta, ou se elle simplesmente desconheceu as regras fundamentaes e leis que regem a sciencia ethnographica e por conseguinte deixou de prestar a estas cousas a devida attenção. Não direi que as memorias de A. R. Ferreira sobre as diversas tribus de indios encontrados por elle na Amazonia sejam destituidas de valor; digo, porém, que ellas não tem a importancia que poderiam ter.

Resta-nos finalmente encarar A. R. Ferreira

como naturalista. Sempre reconheceremos o zelo, a dedicação e a admiravel boa vontade, que o nosso protagonista tambem desenvolveu n'este campo de trabalho. De assiduo colleccionador elle deu manifestas provas e se elle communica, no dia 31 de Outubro de 1787 que até aquella data já tinha remettido 203 volumes com productos naturaes, constando de tantos caixões, de tantas frasqueiras e barris, e além d'isto 629 riscos de plantas e animaes, é certamente este detalhe apropriado para dar uma idéa da actividade desenvolvida por elle e seus companheiros. E apezar de tudo isto, o que A. R. Ferreira deixou de manuscriptos seus sobre zoologia e botanica é de pequeno calado scientifico. Nota-se a mesma cousa como nas memorias ethnographicas: não ha um eixo fixo, solido, ao redor do qual se agrupem e se coordenem naturalmente as idéas. Nunca aprofunda qualquer questão de anatomia, de embryologia, de systematica ou de distribuição geographica. Não póde passar por especialista nem em zoologia, nem em botanica, nem em mineralogia ou geologia. Faltava-lhe certamente a educação profissional para isto e se ainda hoje ninguem na Europa, que quer instruir-se em sciencias naturaes, cahe na idéa de ir estudar em Portugal, fácil é de comprehender-se que A. R. Ferreira em Coimbra não podia munir-se de uma preparação sufficiente nas mesmas sciencias para uma empreza tão complicada <sup>1</sup>. É obvio, que

<sup>1</sup> A afirmação de que a Córte Real de Lisboa nunca favoreceu viagens da mocidade portugueza para outros paizes europeus com o fim de alargar as suas vistas e o seu horizonte em escolas

elle devia ardentemente desejar preencher esta lacuna fatal com proprios estudos e que elle tinha de soffrer necessariamente com a falta de boa litteratura para instruir-se. Resulta isto do seguinte topico, que encontramos na Participação geral do Negro, datada do dia 28 de Outubro de 1787 e dirigida ao Sr. João Pereira Caldas: «Não que eu me proponha especificar tudo, o que haveria a escrever, se fossemos muitos a trabalhar, porque para semelhante tarefa não só não bastam as forças de um unico Naturalista... : Mas antes falta uma competente Bibliotheca, para em vista d'ella, se rectificarem as observações: Falta o socego de espirito, que tão precioso é a quem tem de ordenar e compôr entre si uma multidão de idéas: E falta finalmente o tempo para escrever, sendo tudo pouco, para observar.»

Faz oito annos agora que eu orientei os zoologistas sobre o atlas relativo á viagem philosophica, n'uma publicação redigida em lingua allemã<sup>1</sup>. Cito aqui, em traducção, o que eu disse em 1886 acerca das estampas que constituem a parte que diz respeito á fauna amazonica: «Uma critica d'esta col-

---

estrangeiras, — que ao contrario semelhantes projectos foram alvos de manifestas provas de desagrado — esta affirmacão vejo-a formulada de modo bastante positivo n'uma historia portugueza que tenho diante de mim. Medo de revoluções? Receio de progresso? — Oh Portugal! Tu pareces com a avestruz que, segundo o mytho popular, vae esconder a cabeça na arêa em frente do perigo imminente!

<sup>1</sup> Confer « Zoologische Jahrbücher » (Iena, Allemanha) Vol. II, 1886 pag. 175-182.



lecção de illustrações de productos da natureza brasileira põe-nos em embaraço. A execução d'ellas demonstra um zelo sem fim e a melhor vontade; algumas d'ellas são peças artisticas (como por exemplo o lado inferior de certa especie de Emys, [parte dos Reptis]) debaixo do ponto de vista da escolha de côres e finura dos traços. Conforme a maneira antiga o autor dedicou á execução do fundo um cuidado, que não se encontra mais hoje em dia; a «staffage» de paisagem é, em alguns casos, de perfeita belleza. Logo porém que se passa a examinar mais de perto os animaes, que Ferreira quiz representar, o nosso julgamento torna-se menos favoravel.

É frisante antes de tudo a falta total de proporção e perspectiva na maioria das estampas de Ferreira. Entre comprimento do corpo e extremidades existem ás vezes clamantes desproporções. Os macacos representados, por exemplo, tem por via de regra os braços com grossura exagerada. Nota-se em muitos logares a falta da verdadeira fidelidade e precisão scientifica. A ausencia de um poder intuitivo bem desenvolvido documenta-se tambem nas posições que ora são infelizes, ora de todo erradas. Todas as vezes que eu abro uma d'estas estampas de Ferreira, lastimo que, no meio de uma paisagem tão attrahente o objecto principal, o animal que vae na frente, sahiu tão desastrosamente. Estas contradicções no tratamento das cousas primarias e secundarias formam um dos traços principaes de caracteristica d'esta obra rara, que quasi desconhecida tem ficado até agora na

litteratura, ao passo que teria merecido mais consideração, attento a sua extensão e seu conteúdo variado, e como obra que immediatamente segue, na ordem chronologica, a «Historia natural de Markgrav e Piso.»

Os volumes, que contém a parte botanica da «Viagem philosophica», nunca os vi; o catalogo dos codices existentes no Brazil, publicado pela Bibliotheca do Rio de Janeiro, indica que elles se achavam em poder do Museu Nacional, mas eu lá em vão os procurei. Não me consta de um herbario em regra que A. R. Ferreira tivesse feito n'aquella expedição. N'uma nota do «Diario» relativa ao Rio Negro acha-se a seguinte observação introductoria para a lista dos animaes amazonicos que são objecto de caça: . . . «D'onde se vê, que nem aqui se trata de especificar a todos (animaes) quantos ha, nem de os descrever segundo a arte, porque uma e outra cousa se fará a seu tempo, quando dever apparecer a Zoologia Paraense». Ficamos assim sabendo, que A. R. Ferreira andava com o projecto de uma obra scientifica, a qual elle pretendia dar o titulo de «*Zoologia Paraense*» — circumstancia que nos deve altamente interessar e que mais uma vez nos faz maldizer da conjuncção desgraçada que fez abortar todas as empresas litterarias do incansavel homem.





## CAPITULO VIII

### Observações finais

**S**ÃO notáveis pelo acerto do julgamento, como uteis para o fim que visamos n'este Capitulo final, as seguintes palavras escriptas por Sylvio Roméro na sua bem feita e pequena « Historia do Brazil ensinada pela biographia de seus heróes » (1890) <sup>1</sup>: « Ferreira é, pela incuria do governo a que serviu, um grande exemplo do trabalho nullificado. Causa realmente pena a quem folheia os seus manuscriptos, vêr tanto esforço, tanta fadiga desperdiçados, esterilizados. . . Ao serviço de um governo em grande parte inepto e mesquinho, accumulou uma enorme rima de manuscriptos que lá ficaram pelos archivos para pasto das traças, e os factos novos, as descobertas importantes ali reuni-

<sup>1</sup> Rio de Janeiro (*Livraria Classica, Alves & C.<sup>a</sup>*), pag. 61-63. 49

dos permaneceram como não existentes e tiveram de ser reproduzidos de novo pela pleiade de viajantes estrangeiros que nos ultimos oitenta annos tem percorrido as regiões amazonicas. Ferreira foi um homem ignorado do seu tempo; seus escriptos não foram lidos. Fóra do limitadissimo circulo official de Lisboa, ninguem sabia d'elles.— Não se lhe pôde, portanto, fazer uma completa reabilitação historica. Foi uma victima do seu meio e hoje é apenas uma curiosidade bibliographica. Vae n'isto immensa injustiça; mas a historia não vive só de justiça, gosta muito tambem da felicidade, da força, da victoria. Aquillo que não entra na circulação geral da especie de organismo que é a sociedade, como elemento vivo, é esquecido, é eliminado. O sabio brasileiro não pôde vêr seus livros publicados fazerem o curso da Europa e pelo menos servirem de informação sobre a flora, a fauna e a ethnologia amazonica, tanto peor para elle; mas, antes e acima de tudo, tanto peor para nós. A historia consignará ao menos que elle trabalhou e não soubemos utilizar este trabalho... O merito capital de Alexandre Ferreira é sua immensa actividade, seu geito para accumular notas e observações. Seu maior defeito é a falta de uma vista de conjuncto, a falta de uma doutrina geral... Suas doutrinas sobre botanica, zoologia e ethnographia eram um reflexo immediato do estado d'estes estudos oitenta annos antes de nós. No que diz respeito, porém, a noticias locaes dos pontos do paiz que visitou, e (em menor escala, sobre costumes dos selvagens amazonicos), o sabio bahiano não

foi ainda ultrapassado... Devemos publicar-lhe as obras como um exemplo, uma amostra do nosso vigor scientifico em fins do seculo passado, mesmo tendo a certeza de que suas ideias são hoje antiquadas.»

---

O trabalho que ahí vae tem um duplo fim. Elle é de um lado o primeiro de uma série de ensaios, que eu tenciono escrever e reunir mais tarde, em fórma de livro e sob o titulo «Naturalistas illustres que visitaram a Amazonia.»

Do outro lado queria eu despertar a attenção dos dous Estados do Pará e do Amazonas, sobre A. R. Ferreira e seus numerosos manuscriptos. O Brazil, ainda sendo Imperio, obteve de Portugal, a restituição dos codices com a condição de publicação.

O compromisso até agora só está parcialmente preenchido. Quer me parecer que hoje a Amazonia é o legitimo herdeiro d'elle, e tomando sobre si o assumpto, honraria não sómente a si mesma, como prestaria uma homenagem posthuma a um vulto, que incontestavelmente a merece como o primeiro naturalista que no seculo passado, ahí se deteve durante 9 annos, que seriamente trabalhou e finalmente desgostoso morreu, sem ter alcançado a realisação do seu maior desejo—a publicação dos seus resultados.

Julgo que seria um passo acertado encarregar officialmente a Bibliotheca Publica do Pará de activar a publicação successiva das obras manuscriptas de A. R. Ferreira, que ainda hoje são de interesse para esta região (e como taes designo principalmente todas aquellas memorias que citei no Capitulo II), dividindo o Pará e o Amazonas entre si fraternalmente despezas e vantagens d'ahi resultantes.



NOTAS







## NOTAS

O Dr. Taubert, do Real Museu Botanico em Berlim, teve a gentileza de chamar a minha attenção (sabendo que eu tratava de um esboço biographico de A. R. Ferreira) sobre a circumstancia, que existe um genero de plantas com o nome *Ferreirea*, introduzido na «sciencia amabilis» pelo eximio botanico brazileiro Freire Allemão. Parece, que a isto se limita todo e qualquer tributo de homenagem prestado á memória do infeliz naturalista luso-brazileiro.

---

Posteriormente descobrimos um documento que de algum modo nos orienta sobre as dimensões da colheita feita em Lisboa pelo zoologo francez. É o «Catalogue méthodique de la collection des mammifères du Muséum d'Histoire naturelle de Paris. I.<sup>ere</sup> partie: Introduction et catalogue des primates par Isidore Geoffroy St. Hilaire» (Paris 1851). De facto, nada mais exquisto do que vêr como o filho (Isidore) acha graça na pilhagem praticada pelo pae (Etienne) Na pag. IV da introdução achamos, por exemplo, as seguintes expressões significativas: «Il en est toutefois qui, inscrits presque à chacune de nos pages, ont des droits particuliers à notre reconnaissance et que je ne saurais renoncer à signaler dès ce moment à nos lecteurs. Tels sont... pour l'Amérique enfin,

dont M. Geoffroy St. Hilaire, par son voyage en Portugal, avait procuré avant tous aux Muséum les riches productions... » e em baixo da mesma pagina encontramos como nota a este trecho as palavras: « La collection que M. Geoffroy St. Hilaire a formée en 1808, en Portugal, enfermeait, avec un très-grand nombre d'espèces bresiliennes, des espèces de l'Inde, de l'archipel indien et la Guinée ». Taes baratissimas flores de rhetorica nos deram logo vontade de indagar um pouco mais de perto, o que de bom havia em Paris em materia de macacos vindos do Brazil n'aquelle anno de 1808. O filho é bastante ingenuo de nos ajudar n'esta tarefa, dando-nos a lista na mão.

São as especies :

- 1) *Saimiris ustus*.—*Type de l'espèce*. Du voyage de M. Geoffroy St. Hilaire en Portugal 1808 (mâle). — (Geoffroy St. Hilaire, Tableaux des Quadrumanes 1812). (pag. 38).
- 2) *Callithrix amictus*.—*Type de l'espèce*. (Du voyage de M. Geoffroy St. Hilaire en Portugal 1808). (Geoff. S. H., Tableaux des Quadrumanes 1812) (pag. 40).
- 3) *Cebus cirrifer*.—*Type de l'espèce*. (Du voyage de M. G. S. Hil. etc.) (Geoffroy St. Hilaire, loc. cit. 1812) (pag. 44).
- 4) *Cebus barbatus*.—*Type de l'espèce*. (Du voyage de M. G. S. H. etc.)—type du *Cebus albus*, tout blanc—(Geoffroy St. Hilaire, 1812) (pag. 45).
- 5) *Cebus flavus*.—*Type de l'espèce*. (Du voyage de M. G. S. H. etc.) (Geoffroy St. Hilaire 1812). (pag. 45).
- 6) *Ateles marginatus*.—*Type de l'espèce*. (Du voyage de M. G. H. etc.) (Geoffroy St. Hilaire, Annales du Musée tom. xiii, pag. 92; 1808). (pag. 49).
- 7) *Lagothrix canus*.—*Type de l'espèce*. (Du voyage de M. G. S. H. etc.) (Geoffroy St. Hilaire, Tableaux des Quadrumanes, 1812) (pag. 50).
- 8) *Eriodes arachnoides*.—*Type de l'espèce*. (Du voyage de M. G. St. H. etc.) (Geoffroy St. Hilaire, Annal. du Mus. tom. xiii, pag. 270; 1806). (pag. 51).
- 9) *Mycetes ursinus*.—(Deux individus du voyage de M. G. S. H. etc.) (Geoffroy descreveu em 1812 (Tabl. Quad.) com o nome de *Stentor ursinus* este macaco, do qual elle tinha levado de Lisboa em 1808 um macho velho e um de sexo desconhecido). (pag. 52 seg.)
- 10) *Mycetes niger*.—*Type du Stentor niger*. (Du voyage de M. A. S. H. etc.) (Geoffroy St. Hilaire, loc. cit. 1811) (pag. 53). (um casal levado de Portugal).

- 11) *Pithecia monachus*.—*Type de l'espèce*. (Du voyage de M. G. S. H. etc.) (Geoffroy St. Hilaire, loc. cit. 1812) (« espèce longtemps très-rare », pag. 55). (macho novo).
- 12) *Pithecia satanas*.—(Du voyage de M. G. S. H. etc.) (macho). Descripto por Hoffmannsegg 1807, pela primeira vez em certa publicação em Berlim).
- 13) *Hapale jacchus*.—Du voyage de M. G. S. H. etc. (Já descripto por Linneo et Buffon) (femea, de Lisboa).
- 14) *Hapale aurita*.—*Type de l'espèce*. (Du voyage de M. G. S. H. etc.) (Geoffroy St. Hilaire, loc. cit. 1812) (sexo desconhecido).
- 15) *Hapale humeralifer*.—*Type de l'espèce*. (Du voyage de M. G. S. H. etc.) (Geoffroy St. Hilaire, loc. cit. 1812) (macho).
- 16) *Hapale leucocephala*.—*Type de l'espèce*. (Du voyage de M. G. S. H. etc.) (Geoffroy St. Hilaire, loc. cit. 1812) (sexo desconhecido) (pag. 60).
- 17) *Hapale melanura*.—*Type de l'espèce*. (Du voyage de M. G. S. H. etc.) (Geoffroy St. Hilaire, loc. cit. 1812) (macho) (pag. 60).
- 18) *Midas rosalia*.—(Du voyage de M. G. S. H. etc.) (macho) (pag. 62). Espécie já descripta por Buffon.
- 19) *Midas labiatus*.—*Type de l'espèce*. (Du voyage de M. G. S. H. etc.) (Geoffroy St. Hilaire, loc. cit. 1812) (pag. 63) (sexo desconhecido).

Só até aqui. Já se vê que são 19 espécies de macacos brasileiros, que Mons. Etienne Geoffroy St. Hilaire sequestrou em 1808 no Real Museu de Lisboa, das quaes o proprio filho confessa que a maioria serviu como « type de l'espèce » a seu pae. *Quem achou estes typos?* Os francezes não de sustentar que foi Etienne G. St. Hilaire—*nós sustentamos que foi Alexandre Rodrigues Ferreira, o verdadeiro descobridor de nada menos de 15 espécies novas*. [O celebre colleccionador austriaco Johannes von Natterer só augmentou 4 espécies novas durante a sua peregrinação de 18 annos no Brazil!]

De outros mamíferos brasileiros, dos quaes a prioridade da descoberta pertence a A. R. Ferreira, conheço ainda o *Dactylopsys typus* (Roedor) e o *Canis* (*Chrysocyon*) *jubatus* (Carniceiro). Ha outrosim a *Inia Geoffroyi* Castelnau, um bôto do alto Amazonas, descripto, segundo um antigo especimen trazido de Lisboa para Paris, na mesma occasião. D'estes eu sei; para quantos outros ficará para sempre na escuridão esta circumstancia?

O documento acima é incontestavelmente esmagador para a vaidade franceza. Revela, embora tarde, uma das maiores injusti-

ças, que jamais se praticaram. Nem uma syllaba tem o pae e o filho d'aquella dynastia de zoologos francezes para confessar a quem a sciencia deve no fundo o descobrimento de tantos Simios brasileiros, dos quaes elles não cansam em salientar a importancia, depois que entraram são e salvos para os armarios do Museu Parisiense. Não posso deixar de externar a minha qualificação de semelhante procedimento para com o pobre Alexandre Rodrigues Ferreira — acho-o simplesmente *imperdoavel*.



POST-SCRIPTUM





## POST-SCRIPTUM

O presente trabalho já tinha sido escripto havia perto de um anno e esperava na gaveta a occasião para poder entrar no prêlo, quando chegou-me ás mãos mais um documento, de cuja existencia eu sabia, não conhecendo porém a sua importancia quanto á elucidação do sequestro scientifico feito em Portugal durante a invasão franceza. O Sr Prof. J. V. Barbosa du Bocage, lente de zoologia na Escola Polytechnica de Lisboa, accedeu ao meu pedido, mandando-me as suas «Instrucções praticas sobre o modo de colligir, preparar e remetter productos zoologicos para o Museu de Lisboa» (Lisboa, Imprensa Nacional 1862), valioso livrinho, que fornece algumas informações de alto interesse acerca de Alexandre Rodrigues Ferreira. Tomo a liberdade de respigar os trechos mais importantes. Relativamente ao sequestro achamos os seguintes dados: «Os objectos apartados por Geoffroy St. Hilaire, no gabinete da Ajuda, e mandados para Paris pelo General Junot em 1808 comprehendiam varias collecções zoologicas e mineralogicas, muitos herbarios e alguns manuscriptos.

### I) Collecções zoologicas:

76	exemplares de mammiferos
387	» de aves
32	» de reptis

100 exemplares de peixes  
 508 » de insectos  
 12 » de crustaceos  
 468 » de conchas  
 ao todo 1.583 exemplares.

II) Collecções mineralogicas e geologicas :

59 mineraes e 10 fosseis.

III) Collecções botanicas :

10 Herbarios, entre elles :

- a) 1 Herbario feito no Brazil por A. R. Ferreira,  
 e contendo 1.114 plantas.  
 b) 1 Herbario feito no Brazil por J. J. Velloso, con-  
 tendo 129 plantas.  
 c) 1 Herbario feito no Brazil por F. J. M. Velloso,  
 contendo 117 plantas.

IV) Manuscriptos :

- a) Flora fluminensis. Curante J. M. Velloso (11 vol.  
 in-fol.)  
 b) Profectura fluminensis. Descriptiones plantarum  
 sponte nascentium. Curante J. M. Velloso  
 (2 vol. in-folio).  
 c) Specimen florae Americae meridionalis (4 vol.  
 in-fol.) (autor?)  
 d) Plantas do Pará. (1 vol in-fol.) (autor?)  
 e) Lepidopteri profecturae fluminensis. (1 vol. in-  
 quarto) (autor?).

De tudo isto foram restituídos, em 1814, apenas os mencio-  
 nados manuscriptos.

Aprendemos, pelo mesmo livrinho, que em Portugal tiveram  
 a feliz idéa de não esquecer aquelle episodio e que o proprio Prof.  
 Barbosa du Bocage foi em 1859 para Paris « para haver do Jardim  
 das Plantas uns donativos de objectos zoologicos, em compensação  
 dos que haviam sido levados do gabinete da Ajuda ». Houve-se



ção habilmente que de facto conseguiu obter em Paris, não os objectos antigos de 1808, mas outros, a saber: 24 especies de mammiferos, 92 especies de aves, 137 especies de reptis e 47 especies de peixes, além de uma collecção entomologica offerecida pelo Prof. Milne Edwards, importando em 1.120 especies.

Barbosa du Bocage contesta com razão, a afirmação de Mons. Isidore Geoffroy St. Hilaire, feita na Historia da vida e trabalhos de seu pae, que os objectos levados do gabinete da Ajuda haviam sido obtidos por *troca voluntaria*, dá porém, por outro lado, prova de elevado cavalheirismo, escrevendo (pag. 4): «Intelligente, instruido, animado de um zelo ardente pela zoologia, Geoffroy St. Hilaire utilisou em beneficio da sciencia, descrevendo os exemplares que jaziam ignorados dentro dos armarios do Museu da Ajuda, e que estavam talvez fadados, se ali permanecessem, a desaparecer, como tantos outros, presa da traça. É esta a unica consideração que póde attenuar aos olhos de um naturalista a fealdade de um semelhante procedimento» e n'uma nota na pagina seguinte: «Respeitamos o sentimento que lhe inspirou a defeza de seu pae, desejaríamos devéras poder absolvel-o de toda a participação na violenta expoliação que se nos fez; porém a verdade não nos consente uma semelhante condescendencia. *Hoje, que o Museu de Paris nos indemnizou já, por minha intervenção, do que adquirira á nossa custa e contra a nossa vontade, as contas devem dar-se por saldadas, e esquecida a offensa.*» Contra esta honrosa proposta não ha que dizer. Nós não sabiamos, senão agora, do final ajuste amigavel entre os Museus de Lisboa e de Paris e estamos promptos a respeitar o «requiescat» do illustrado Prof. Barbosa du Bocage, do homem mais proeminente que o Portugal actual possui no terreno da sciencia zoologica.

A respeito de Alexandre R. Ferreira encontramos no livro do Prof. Barbosa du Bocage o seguinte e interessante trecho: «A tradição, porém, refere que o Dr. Alexandre encontrára, ao regressar ao reino, os exemplares que colligira á custa de tantas fadigas e remettera com o maior desvelo para o gabinete da Ajuda, deteriorados na maior parte e confundidos todos, perdidos ou trocados os numeros e etiquetas que traziam. Acrescenta ainda a tradição que não fôra isto effeito do acaso ou do desleixo, mas obra premeditada da mais ruim maldade, planeada e levada á execução por um empregado da Ajuda, a quem o ciume dos talentos do nosso

grande naturalista, e porventura a esperança de o desgostar promptamente de uma posição no Museu que ambicionava para si, inspirára essa torpíssima acção. Console-nos, ao menos, se a tradição não mente, a certeza de que o autor de tamanha infamia não era portuguez.» (pag. 4).

Não podemos deixar de transcrever mais este trecho relativo aos manuscritos de A. R. Ferreira: «... Aqui jaziam até 1842, epocha em que uma portaria do ministerio do reino ordenou que se entregassem ao ministro do Brazil n'esta côrte, Drummond, *afim de serem enviados para o Brazil e lá impressos por conta do governo brasileiro, depois do que deveriam ser restituídos ao Museu.* Drummond passou recibo de 258 manuscritos; no Museu apenas ficaram alguns de que havia exemplares duplicados, pelos quaes nos tem sido possível avaliar o grande merecimento do autor. Têm já decorrido quasi vinte annos; ignoramos se o governo do Brazil já encetou a publicação das obras do Dr. Alexandre; mas podemos afirmar *que nenhum dos manuscritos voltou ainda para o Museu!* Expozemos singelamente os factos; julgamos desnecessarios quaesquer commentarios.»

Vae n'estas palavras uma merecida censura com endereço ao Brazil. Merecida, sim, porque até hoje, 1895, não se publicou nada das obras de A. R. Ferreira fóra d'aquillo que se acha na «*Revista do Instituto Historico*», no Rio de Janeiro e que, como temos visto, se relaciona sómente a uma parte dos itinerarios. Os Estados, os mais interessados, não quererão, por espontanea resolução, cumprir com um compromisso, assumido outr'ora pela Nação e que logicamente não tem nada que vêr com as mudanças politicas? Guardar os manuscritos e não os publicar, seria a continuação de uma injustiça contra A. R. Ferreira, que foi tão bom brasileiro como portuguez, e é ainda por cima — uma vergonhosa falta de lealdade. Cumprindo-se, porém, embora tarde, a promessa feita, julgo que Portugal facilmente dispensaria-nos do onus da restituição dos mesmos manuscritos.

Pará, em 15 de Maio de 1895.

DR. E. A. GOELDI.



## Indice

INTRODUÇÃO . . . . .	111
CAPITULO I— <i>Algumas noticias sobre a vida de Alexandre R. Ferreira</i> . . . . .	5
CAPITULO II— <i>Os trabalhos de Alexandre R. Ferreira, especialmente aquelles que tem relação á zoologia, botanica e ethnographia amazonicas</i> . . . . .	21
CAPITULO III— <i>O Itinerario da Viagem Philosophica no Rio Negro, segundo o respectivo «Diario»</i> . . . . .	37
CAPITULO IV— <i>Fragmentos sobre ethnographia e zoologia amazonicas, extrahidos do mesmo «Diario»</i> . . . . .	53
CAPITULO V— <i>Outros fragmentos</i> . . . . .	69
CAPITULO VI— <i>O que eu penso ácerca do molestia de que soffreu Alexandre Rodrigues Ferreira nos seus ultimos annos de vida</i> . . . . .	75
CAPITULO VII— <i>Apreciação de Alexandre Rodrigues Ferreira como escriptor, geographo, ethnographo, naturalista e economista</i> . . . . .	85
CAPITULO VIII— <i>Observações finais</i> . . . . .	93
NOTAS . . . . .	99
POST-SCRIPTUM . . . . .	105

A 24



